



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

BÁRBARA ELLEN MONTEIRO BARROS

ENTRE A CRÍTICA DO NACIONALISMO E A ÉTICA DA COMPAIXÃO: O PENSAMENTO DE  
RABINDRANATH TAGORE SOBRE POLÍTICA INTERNACIONAL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BRASÍLIA – DF

2019



**BÁRBARA ELLEN MONTEIRO BARROS**

**ENTRE A CRÍTICA DO NACIONALISMO E A ÉTICA DA COMPAIXÃO: O PENSAMENTO DE  
RABINDRANATH TAGORE SOBRE POLÍTICA INTERNACIONAL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa e Pesquisa pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais – FAJS.

Orientação: Prof. Dr. Raphael Spode

**BRASÍLIA – DF**

**2019**

Disse o Poder ao Mundo... Sois meu!  
E o mundo o aprisionou em seu trono.  
Disse o Amor ao Mundo: Sou Teu!  
E o Mundo lhe abriu todas as suas  
portas...

Rabindranath Tagore

## RESUMO

Nos últimos anos, pesquisadores e estudiosos da área de Relações Internacionais têm identificado que suas teorias e técnicas comumente negligenciam ensinamentos e experiências advindos de fora do Ocidente. Essa carência no campo das teorias compromete por completo o entendimento da dinâmica de política internacional do mundo contemporâneo, visto que, os atores internacionais não-ocidentais ocupam cada vez mais lugar de destaque na política e na economia mundial. Por essa razão, a busca por uma proposta de agenda normativa proveniente do Oriente torna-se cada vez mais frequente entre pesquisadores da disciplina. Nessa perspectiva, esse projeto de pesquisa busca analisar o pensamento de Rabindranath Tagore, poeta indiano, a respeito da política internacional buscando compreender sua crítica ao conceito de nacionalismo, e a alternativa ética proposta pelo autor, que se baseia em princípios e valores orientais. No prelúdio da pesquisa torna-se imprescindível a compreensão do cenário e momento políticos em que autor se encontrava, e exploração do conteúdo ministrado em duas notórias palestras proferidas em solo japonês.

**Palavras-chave:** Pós-colonialismo. Pensamento não-ocidental. Teoria das Relações Internacionais.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 TAGORE E O JAPÃO, A BUSCA PELO RENASCIMENTO DA IDENTIDADE ASIÁTICA.....</b>	<b>8</b>
2.1 A VIDA E OBRA DE RABINDRANATH TAGORE.....	8
2.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO JAPÃO.....	11
<b>3 AS CONFERÊNCIAS DE RABINDRANATH TAGORE NO JAPÃO.....</b>	<b>19</b>
3.1 “A MENSAGEM DA ÍNDIA PARA O JAPÃO”, PRIMEIRA CONFERÊNCIA (11 DE JUNHO DE 1916).....	21
3.2 “O ESPÍRITO DO JAPÃO”, A SEGUNDA CONFERÊNCIA (2 DE JULHO DE 2016).....	26
<b>4 A ÉTICA DA COMPAIXÃO, UMA PROPOSTA NORMATIVA.....</b>	<b>30</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Rabindranth Tagore viveu em um período de grandes mudanças, no estágio máximo de dúvidas e inseguranças que levariam incertezas que levariam os Estados a uma eclosão mundial, assim Tagore iniciava, em meados de 1916, um ciclo de conferências no Japão. Durante sua visita, entre os meses de junho e julho daquele ano, Tagore proferiu duas palestras, essas palestras têm publicações distintas; apesar disso, foram reunidas, posteriormente, numa versão definitiva denominada “Nationalism” (TAGORE, 1918; TAGORE, 2013).

O contexto mais abrangente da visita de Tagore ao Japão é a era Meiji tardeia, nesse período, que compreende os anos 1880 e a primeira guerra mundial, o Japão adotou conceitos políticos que apresentam uma definitiva opção pela modernização, ou melhor, pelo estilo de vida ocidental. Japão tornou-se um país que lutava para conquistar um senso de glória nacional, e para isso fazia o tipo de compreensão que associava a riqueza da nação ao poder militar, aliás, ao estilo da época. Para obter a glória desse mundo era preciso poder econômico e militar; e mais, era preciso crescer, expandir-se, anexar; tal o senso comum (ANGELL, 2002, p. 21-35). O impacto moral e político desse pensamento foi devastador, pois a procura da glória nacional japonesa significava, na verdade, a expulsão das influências chinesa e russa, a dominação de partes estratégicas da China e a tentativa de promover a independência da Coréia (1910). Entre 1884 e 1905, o Japão é verdadeiramente a encarnação de seu símbolo nacional, o sol nascente não como mensagem de luz e conforto espiritual, mas como força abrasiva que machuca e corrói.

E não faltaram intelectuais a apoiar as novas ideias e diretrizes de ação. Há, no contexto da intelectualidade e do estadismo japonês, toda uma atmosfera, uma ambiência de incentivo à expansão, ao pan-asianismo. As ideias militaristas desenvolvidas no período ficaram conhecidas não por exaltar o espírito de cultura, de civilização e sim o espírito de raça, de nação, de poder e riqueza: em síntese, o espírito da glória nacional.

A guerra era interpretada como uma chance, uma oportunidade a partir do qual uma nova distribuição dos recursos materiais e espirituais do mundo poderia ser feita: era preciso aproveitar. Nesse amplo sentido, entre a crítica e a alternativa, Rabindranath Tagore tem muito a oferecer, apesar de ser um nacionalista indiano, e como tal um defensor da emancipação e libertação nacional da Índia, as ideias de Tagore compartilham elementos conceituais comuns

aos nacionalistas asiáticos. A particularidade conceitual desta comunidade de pensadores e ativistas é a ausência de anfractuosidade entre as expressões do nacionalismo e internacionalismo. Pelo contrário, os nacionalistas asiáticos, em especial Subash Chandra Bose, Mahatma Gandhi, Jawaharlal Nehru, Rabindranath Tagore, M. S. Golwalkar, V. D. Savarkar, Bankim Chandra Chatterjee e Sri Aurobindo Ghosh são críticos ao nacionalismo como expressão do individualismo exclusivista, tal como ele se manifesta nas potências ocidentais. A diferença é que esses indivíduos possuem um desejo de libertar sua nação do jugo das potências, sem lançar para esse propósito um projeto opressivo, violento e exclusivista sobre outros países. Por essa razão, o que há no pensamento dos nacionalistas asiáticos é uma expressão de nacionalismo aberto porque, ao mesmo tempo em que defendem o direito de uma nação ser livre e autônoma, não almejam conceber, na luta contra o opressor, projetos exclusivistas, territoriais ou militaristas contra as outras nações, tal como o nacionalismo europeu se manifestava nesse período (ACHARYA; BUZAN In: \_\_\_\_\_, 2010, p. 12; BEHERA In: ACHARYA; BUZAN, 2010, p. 99). Pouco conhecido hoje, Rabindranath Tagore era, portanto, uma parte integrante e de prestígio da "intelligentsia" que propagava ideias pacifistas, ou melhor, esse tipo de nacionalismo aberto um "nacionalismo internacionalista". O curioso é que o pensamento de Tagore sobre relações internacionais surge de maneira inusitada e até mesmo um pouco destoante dos demais intelectuais de sua época, quando analisado em suas nuances. Numa mistura de espiritualidade, misticismo poético e filosofia política, suas ideias sobre a guerra e a paz sensibilizam o leitor pela crítica, profundidade, ou melhor, pela dimensão introspectiva e o método essencialista de abordar as questões internacionais (PINTO, 2011, p. 109-135).

É nítida a preocupação de Tagore com os aspectos morais que estão em jogo na decisão do Japão pela ocidentalização. E, ao expor essa preocupação, Tagore revela conceitos e categorias diferenciadas com as quais problematiza as relações internacionais. Emissário de notável percepção, Tagore entende que a opção do Japão pela ocidentalização provocará o ofuscamento do homem asiático, acarretando a ruptura de toda a epistemologia oriental que concebe um jeito particular de interpretar o mundo. A modernização é a fragilização dessa cultura, uma cultura que vê o infinito nas coisas finitas, que compreende o universo como uma entidade viva. Trata-se, como o leitor pode identificar, de uma arte de viver que valoriza o cultivo do espírito, da força espiritual, do amor à simplicidade, do reconhecimento do dever e

da obrigação social, em troca de uma ideia de progresso e de hábitos de uma civilização política, e não espiritual (TAGORE, 2013, p. 16). De acordo com o autor, quando o homem e a nação se modernizam no sentido ocidental do termo e do processo ambos passam a buscar não mais a essência nem a permanência, mas a satisfação de um orgulho que é uma humilhação, uma pobreza, uma fraqueza de espírito: é o orgulho de alguém que valoriza mais seu novo chapéu do que a própria cabeça (TAGORE, 2013, p. 14; tradução nossa). Discretamente, Tagore está propondo à sua audiência que a opção pela modernização não é a melhor escolha. Na sua percepção a modernidade é perigosa porque ela foi capaz de levantar graves questões e criar paradoxos, a maioria sem respostas satisfatórias. Porque então engajar-se nas problemáticas da civilização ocidental, questiona Tagore? Aceitar a modernidade é aceitar a civilização moderna com todas suas tendências, métodos e estruturas.

No pensamento de Tagore, o conceito de civilização política indicará a escolha ética do homem ocidental e abrangerá a análise de duas categorias menores: o Estado e o nacionalismo, segundo Tagore, a Europa é a autora da civilização política e se contrapõe àquilo que a Ásia concebeu: uma civilização espiritual. No pensamento de Tagore, a civilização política fundamentada no exclusivismo contrasta com a civilização espiritual. O que será capaz de frear uma força tão implacável e impessoal? Tagore entende que a civilização política (e com esse termo ele sempre está se referindo a Europa no advento da modernidade) não pode continuar, pois há limites fixados no universo, limites para a conquista, para a obstinação, para a ambição humana. A ideia é interessante e marca o início da apresentação de sua proposta ética normativa às relações internacionais.

A princípio, a alternativa tagoriana é uma proposta de agenda normativa que nos encaminha a uma ética da compaixão. Visando sugerir um novo roteiro às pessoas que aderiam ao projeto modernizador europeu tanto os seus ouvintes japoneses como os próprios europeus Tagore propõe buscassem relembrar ou conhecer melhor a dimensão espiritual da vida. Nesse sentido, é o amor, seja conforme descrito nas doutrinas cristãs ou nas escolas budistas, a essência da ética da compaixão, ou seja, a proposta ética normativa de Rabindranath Tagore às relações internacionais.



## 2 TAGORE E O JAPÃO, A BUSCA PELO RENASCIMENTO DA IDENTIDADE ASIÁTICA

### 2.1 A VIDA E OBRA DE RABINDRANATH TAGORE

Rabindranath Tagore foi quem Albert Schweitzer, teólogo, filósofo e médico alemão, denominou como o poeta, dramaturgo, musicista e artista mais notório da Índia moderna, em razão de seus grandes feitos nas mais diversas áreas do conhecimento ficou reconhecido por todos os indianos como o “Sol da Índia”, mas, além disso, podemos considera-lo um dos pensadores mais profundos e influentes do Oriente. Antes de entender a importância dos pensamentos, e escritos de Tagore para Política Internacional, vale elucidar brevemente sobre sua vida, essa explanação não reside apenas no interesse biográfico, mas também no fato de toda sua vida prática está intrinsecamente ligada com vários aspectos de sua filosofia. Por certo, sua convicção que alguns problemas que desafiam a solução em um nível abstrato e intelectual podem ser resolvidos no nível existencial da vida cotidiana, foi o que fez da sua vida um a luta diária para solucionar tais questões e o tornou um filósofo em tudo, em toda sua vivência e convicções percebem-se traços filosóficos.

Como escreve Gupta (2005)<sup>1</sup>, Tagore produziu diversas autobiografias, como *Jivansmriti* e *My Boyhood Days*, nas quais os principais temas dizem respeito a sua infância, a morte precoce de sua mãe e a intensa amizade com sua irmã Kadambari Devi, por conseguinte a excessiva dor que sentiu quando ela cometeu suicídio. Essas experiências pessoais com a dor da morte, fizeram do autor um entusiasta da vida, ela devia ser celebrada em seus mais ínfimos detalhes. O poeta nasceu em 7 de maio de 1861, pertencia a uma das famílias mais abastadas de Bengala, seu avô Dwarakanath era um magnata dos negócios, bem como o proprietário de grandes propriedades fundiárias. Já seu pai, Debendranath (1817-1905)<sup>2</sup> reviveu a seita reformista hindu “Brahmo Samaj”<sup>3</sup> e sua vida exemplificou uma espécie de espiritualismo baseado nos ensinamentos dos Upanishads<sup>4</sup>. Tagore deixou registrado em muitos escritos a

---

<sup>1</sup> GUPTA, Kalyan. **The Philosophy of Rabindranath Tagore**. England. Ashgate Publishing Limited, 2005. p.1.

<sup>2</sup> Maharishi Debendranath Tagore (1817-1905), obteve sua formação nos ensinamentos tradicionais da Índia e no também no pensamento moderno ocidental, logo por meio de seu conjunto de saberes proporcionou uma nova vida a Brahmo Samaj e ao movimento teísta inerente ao Samaj.

<sup>3</sup> Brahmo Samaj foi o primeiro movimento de reforma da Índia de caráter moderno, influenciado pelas ideias ocidentais modernas. Seu fundador, Raja Rammohan Roy é considerado pelos historiadores como o pai do Renascimento indiano.

<sup>4</sup> Os Upanishads procedem do mais antigo texto hindu, os Vedas, que criam a base de toda filosofia do hinduísmo. Originalmente eram aproximadamente 200 textos, mas 12 são considerados os mais relevantes. Através de

grande influência que seu pai exerceu em sua vida. Sua família também realizou contribuições significativas nos domínios do pensamento religioso, filosofia, literatura, música e pintura.

Tagore assim como seus familiares era um homem que possuía um amplo conhecimento em diversos campos do saber. Mesmo sem ter frequentado escola e universidade, era um grande conhecedor dos clássicos sânscritos, e das literaturas bengali e inglesa, dominava também alguns idiomas como o inglês, francês e alemão. As obras literárias do autor alcançaram tamanhas proporções, que sua relevância para o idioma bengali (umas das principais línguas regionais da Índia e língua nacional de Bangladesh) ganha proporções semelhantes aquela exercida por Shakespeare no Reino Unido. (GUPTA, 2005)<sup>5</sup>

O perpassar de sua vida esteve intrinsecamente ligada a amplos eventos e movimentos que marcaram sua época, como exemplo imagina-se uma estreita ligação entre sua associação com o Congresso Nacional Indiano e o movimento de independência do país, além do que, sua canção "*Jan gana mana adhinayaka*", foi à escolhida para ser cantada na vigésima sexta sessão do Congresso em Calcutá (1911) e mais tarde se tornaria a canção nacional oficial da Índia.<sup>6</sup>

A apreciação à obra do artista e poeta era evidente de tal maneira que no ano de 1913 ele foi nomeado com o título cavaleiro do país e recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em reconhecimento a sua rica atividade literária. Vale lembrar que foi o primeiro asiático a ser agraciado com o prêmio. De acordo com Wolff (2017)<sup>7</sup>, a conquista do Prêmio de Literatura contribuiu de maneira decisiva para o reconhecimento de suas obras em âmbito mundial. Entretanto, com aproximação da Primeira Guerra Mundial, tanto o conteúdo de seus escritos, quanto a veracidade de suas traduções foram extensamente debatidas por intelectuais europeus e norte-americanos, dada a inexistência de uma comunidade literária internacional que compreendesse bengali. Assim, houve dúvidas sobre a perda de fidedignidade decorrente das traduções, fato que despertou algumas críticas sobre a obra do poeta.

---

diálogos entre mestre e discípulo, os Upanishads versam sobre o entendimento da alma humana (Atman) e o caminho para alcançar a realidade absoluta (Brahman).

<sup>5</sup> Ibid.,p.3.

<sup>6</sup> Permanece até os dias atuais como o hino nacional da nação indiana.

<sup>7</sup> WOLFF, Marcus. **O Tagore de Cecília Meireles e outros Tagores**. Contexto. Vitória, n. 31, 483-504, 2017/1.

Tagore realizou inúmeras viagens para Europa e a América<sup>8</sup>, nessas visitas costumava tratar de temas como Ocidente e o Oriente, e propagar suas crenças pacifistas e o desejo que possuía sobre a criação de educação universalista. No retorno de umas dessas viagens, em março de 1915 ele conheceu quem posteriormente viria a se tornar um grande amigo, Gandhi, a qual costumava se referir como “Mahatma” (a grande alma), em contrapartida, Gandhi o chamava de a grande sentinela.”<sup>9</sup>

Tagore assim como seu amigo Gandhi passou sua vida lutando contra a crueldade humana, desprezava qualquer forma de maus tratados ao ser humano, sobretudo quando se referia ao tratamento desumano que os britânicos exerciam em sob suas colônias, sobretudo a Índia.

Já no ano de 1930 Tagore encontrou-se outra grande personalidade internacional, Albert Einstein, como ressaltado por Rioja (1989)<sup>10</sup> a conversa entre os intelectuais concentrou-se em torno da questão de compreender se a verdade e o valor religioso são independentes do homem ou não. Einstein defendia vigorosamente que a natureza do Universo deve ser contemplada como uma unicidade que não depende do homem, já Tagore argumentava que nem a verdade nem a religião existiam alheias a humanidade.

Em 1940 a Universidade de Oxford, situada no Reino Unido, conferiu-lhe o grau de DLitt em uma convocação especial em Shantiniketan, onde Maurice Gwyar, presidente de justiça da Índia, e Radhakrishnan serviram como representantes da universidade. Por esta altura, no entanto, Tagore estava profundamente preocupado e angustiado com a eclosão da guerra na Europa, para ele o conflito representava:

"a visão de um enorme demônio que não tinha forma, nenhum significado, e ainda tinha dois braços que poderiam atacar, quebrar e rasgar, uma boca aberta que poderia devorar, e cérebros protuberantes que poderiam conspirar e planejar".  
(GAPTA,2005)<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Como GAPTA (2005) expõe durante essas visitas, Tagore conheceu inúmeras personalidades que contribuíram para disseminação de suas ideias como Max Müller, linguista, cientista das religiões, orientalista e mitólogo alemão, e própria Rainha Vitória.

<sup>9</sup> Mesmo com a mútua admiração entre Tagore o Gandhi, os dois possuíam diferenças em diversas questões sociais, econômicas e políticas, especialmente, sobre a eficiência do boicote as instituições educacionais inglesas presentes na Índia e sobre o valor e o limite do incentivo ao artesanato tradicional.

<sup>10</sup> RIOJA, Ana. **Einstein: el ideal de una ciencia sin sujeto**. Revista de Filosofía. NP 2/87-108 (3Y época). Editorial Universidad Complutense. Madrid. 1989.p. 96.

<sup>11</sup> Ibid.,p.5.

Apesar de sua desilusão com tudo que estava acontecendo, em sua obra “*Crisis in Civilization*”<sup>12</sup>, escrita apenas alguns dias antes de sua morte, ele expressou sua fé inabalável no homem. Rabindranath Tagore morreu em 7 de agosto de 1941, aos oitenta anos de idade, deixando ínfimos questionamentos sobre a grandeza e a versatilidades de suas obras e de sua vida.

## 2.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO JAPÃO

Como tratado no tópico anterior, no decorrer de sua vida, Tagore visitou diversos países. Entretanto, a relação que o poeta estabeleceu com o Japão e o povo japonês merece destaque, pois foi em uma dessas visitas ocorrida em meados de 1916 que Tagore proferiu uma série de conferências no qual expôs mais claramente suas doutrinas e crenças. Foi por meio de tais conferências que Rabindranath manifestou sua inclinação à política ao elaborar uma mordaz crítica ao conceito de nacionalismo e de Estado. Numa curiosa interface entre política, filosofia e espiritualidade o autor apresenta, além da crítica, uma ética às relações internacionais, elaborada a partir de uma perspectiva não ocidental da natureza humana, da sociedade e da política internacional.

Dada essas razões cabe analisar, o que levou Tagore ao Japão? Ele visitou o Japão como poeta ou buscava desempenhar outro papel? Qual era a natureza de seu contato e preocupação com o japonês? Para obter as respostas a essas questões, é necessário compreender inicialmente o contexto político que a nação japonesa estava inserida.

O final do século XIX foi um período agitado em todo globo, caracterizado pela rivalidade neocolonialista entre as potências mundiais e a crença no Darwinismo Social. Vale ressaltar que o Japão foi o único país oriental a também adotar essas práticas. Tal comportamento se constitui como parte da política imperialista adotada pelo Japão no final da Era Meiji <sup>13</sup>. É preciso analisar e entender o Japão a partir do contexto da Era Meiji tardia, pois a primeira e mais importante visita de Tagore em 1916 ocorreu nesse interím.

---

<sup>12</sup> *Crisis in Civilization* foi o último discurso público entregue por Tagore em 14 de abril de 1941, pouco antes de sua morte, essa obra é repleta de reflexões a respeito de sua trajetória pessoal e reafirmação sobre seus princípios e valores.

<sup>13</sup> REIS, Laís Campos. **A hegemonia do “outro”, ocidente e imperialismo: A Mudança de identidade japonesa na Era Meiji (1868-1912)**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) – UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/handle/235/8594>> Acesso em: 05 de jul. 2019.

Por certo, o comportamento das potências ocidentais nessa época, marcado por suas políticas imperiais justificava-se com base na teoria social em voga já citada: o darwinismo social. A teoria biológica desenvolvida por Charles Darwin se caracterizava por sustentar a evolução e reprodução do mais apto, por meio de uma disputa pela sobrevivência e que sempre culminaria na extinção do mais fraco. Entretanto, a teoria não demorou a ser aplicada em outras áreas do saber, como a economia, dado que o microempresário e pequenos comerciantes foram gradativamente sendo substituídos pelos grandes empresários e produtores de larga escala<sup>14</sup>.

A teoria assim obteve um alto nível de notoriedade ao ser aplicado para a política internacional, visto que contribuía com crenças extremamente etnocêntricas de raças inferiores e com a visão de que a competição entre os países sempre geraria consequências destrutivas para uma das partes, e isso se constituía como necessário para “o bem de todos” (CARR,2001)<sup>15</sup>. Destarte, mesmo que não se possa afirmar com certeza que as potências ocidentais visavam precisamente colonizar o Japão, as ações agressivas e imperialistas destinadas a esse país tornavam-se cada vez mais perceptíveis. Se as suas condutas apontavam para uma postura de hostilidade e dominação, tais ideias compartilhadas acabaram por constituir um sistema de ameaças na visão da nação asiática.

De acordo com Jansen (2002)<sup>16</sup> esse contexto de possíveis ameaças impulsionou o Japão a se comportar de modo que representasse o seu entendimento sobre realidade vigente. Assim, tal percepção se materializou na forma de um impulso central de modernização aos padrões do ocidente. A modernização nesses moldes era entendida como forma de sobrevivência no sistema internacional, e tornou-se motriz principal do período chamado de Reforma (ou Restauração) Meiji.

Os responsáveis pela direção da política no Japão Meiji eram movidos por um profundo descontentamento com a inércia do antigo regime e almejavam aplicar ações que gerassem resultados instantâneos, e para alcançar tal fim começaram a adotar posturas radicais. Esse comportamento era quase que integralmente inspirado em princípios e valores europeus do

---

<sup>14</sup> Darwin não buscava a propagação de suas ideias para o campo das ciências sociais, entretanto seu uso de metáforas abriu espaço para interpretações errôneas. (LAÍS, 2015)

<sup>15</sup> CARR, Edward Hallett. Vinte Anos de Crise: 1919-1939. Brasília: Universidade de Brasília, 2. Ed., 2001.

<sup>16</sup> JANSEN, Marius B. **The Making of Modern Japan**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

positivismo e utilitarismo, que foram aplicados no intuito de substituir a doutrina Confucionista muito comum na região do Extremo Oriente por milênios (KANG, 2012)<sup>17</sup>. Entretanto, passara a ser considerada muito atrelada ao passado e obsoleta aos novos propósitos da nação, pois entrelaçava os valores éticos com ética as práticas dos governantes; além do mais, entendia-se que a efetividade das ações do governo só poderiam ser alcançadas com sucesso se houvesse uma quebra com as antigas normas e instituições.

Conforme Pinto( 2011)<sup>18</sup>, esse novo tipo de conduta evidenciava-se claramente através dos slogans propagados pelo governo japonês como, "bunmei kaika" (cultura e esclarecimento)<sup>19</sup> e "fukoku kyohei" (país rico, forte exército)<sup>20</sup>, ambos conceitualmente vinculados à política de anexação da Coréia em 1910, que compôs parte do regime expansionista do país.

Ao que tudo indica foi essa manifestação ardente de se ajustar aos valores da modernidade ocidental por parte dos japoneses, que despertou o interesse de Tagore em visitar ao país. Em uma carta datada de 18 de fevereiro de 1915 endereçada a Kimura Nikk<sup>21</sup>, uma acadêmica e monja japonesa, que estudou no Departamento de Estudos Orientais da Universidade de Calcutá, Tagore escreveu:

"Eu quero conhecer o Japão na manifestação exterior de sua vida moderna e no espírito de seu passado tradicional. Eu também quero seguir os traços da antiga Índia em sua civilização e ter alguma ideia de sua literatura, se possível". (HAY,1970)<sup>22</sup>

---

<sup>17</sup> KANG, David C. **East Asia Before the West: Five Centuries of Trade and Tribute**. Nova York: Columbia University Press, 2012

<sup>18</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.

<sup>19</sup> A ideia de bunmei kaika foi utilizada como uma fachada eficaz para o nacionalismo militante de Okakura, pintor, escritor e intelectual japonês, e para justificar a hegemonia japonesa na arte asiática. (Pinto, 2011.p.114)

<sup>20</sup> Foi através da rápida promoção dos interesses econômicos japoneses no exterior que estreita conexão entre o conceito de fukoku (riqueza nacional) e kyōhei (força nacional) foi estabelecida, a fim de formentar cada vez mais os sentimentos nacionalistas. (Pinto, 2011.p.115).

<sup>21</sup> Hay deixou registrado que em uma de suas conversas com um certo membro da equipe Universidade de Calcutá em 196, o indivíduo, o qual o nome não é citado, lembrou que Kimura Nikki possuía a reputação de ser espiã a serviço do governo, segundo o autor essa informação parecia bem provável tendo em vista a trajetória profissional de Nikki, que permaneceu quase que continuamente na Índia entre 1907 a 1930. Isto significa que enquanto o Primeiro Ministro Ôkuma estava recepcionando Tagore o governo estava designando funcionários para espiar um convidado estrangeira, violando completamente os laços de confiança estabelecidos entre Índia e Japão. (HAY,1970)

<sup>22</sup> HAY, STEPHEN. **Asian Ideas of East And West: Tagore and His Critics in Japan, China, and India**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970, p. 53.

Outro fator que motivou Tagore a visitar o Japão residia em sua aproximação com Okakura Tenshin (1862-1913), historiador da arte japonesa e fundador da escola de arte Nihon Bijutsuin. Tagore conheceu Okakura em 1902 em Kolkata, e os reencontraram em 1913 no Museu de Belas Artes de Boston nos Estados Unidos. Em ambas as ocasiões, Okakura atraiu a atenção de Tagore para os vínculos existentes entre a civilização indiana e o restante da Ásia e também para necessidade de defender a cultura e a identidade asiática. Em sua segunda visita ao Japão em 1917, Tagore deixou claro o entendimento de que havia dois tipos distintos de mentalidade: a “mentalidade oriental” e a “mentalidade ocidental”. Essa percepção devia-se a Okakura, que dedicou sua vida ao estudo dessas culturas (PINTO 2011)<sup>23</sup>. No entanto, em suas palestras proferidas em 1916, cujo conteúdo criticava veemente o nacionalismo, Tagore não mencionou em nenhum momento a influência de Okakura sobre sua formação e pensamento.<sup>24</sup>

Como relata Pinto (2011)<sup>25</sup>, Rabindranath Tagore visitou o Japão em cinco ocasiões: de maio a setembro de 1916, na qual realizou seu primeiro conjunto de conferências instituindo uma forte condenação ao nacionalismo e ao imperialismo japonês; de fevereiro a março de 1917; julho-julho de 1924; e março, maio-junho de 1929. Todas as idas do escritor ao Japão foram custeadas por Rash Behari Bose (1886-1945), um revolucionário de Bangala que estabeleceu morada no Japão. Entretanto no período de 1937-1938, mesmo sendo convidado por Rash, Tagore se recusou a viajar até o Japão, pois a essa altura ele já estava totalmente convencido de que o Japão havia se tornado por completo uma nação militarista e imperialista, suposição essa confirmada pelo envolvimento do país na Segunda Guerra Sino-Japonesa<sup>26</sup> iniciada em julho de 1937, e na Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939.

---

<sup>23</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135

<sup>24</sup> Pinto (2011) acredita que essa omissão se deu possivelmente devido aos temas tratados por Okakura em duas de suas obras *The Ideals of the East* e *The Awakening of Japan*, na qual na primeira ele exaltou a herança artística do Japão, enquanto na segunda defendeu a guerra nacionalista do Japão contra a Rússia em 1904.

<sup>25</sup> Ibid., p.114-115.

<sup>26</sup> De acordo com Magno (2015) a eclosão da Segunda Guerra Sino-Japonesa foi a disputa imperialista entre as potências ocidentais no Sistema Internacional por novas áreas de domínio. Segundo o autor, esse modo de atuação das potências pressionou as nações asiáticas a buscar alternativas originárias para seu desenvolvimento social e econômico e para sua inserção no sistema mundial. Ainda o processo deve ser entendido no contexto de transformação sistêmica que ocorria no começo do século XX, e que o caminho para a conflagração não era irreversível e nem a única opção para China e Japão.

"O espírito do Japão moderno me repele, a política é egoísta, odiosa e cheia de mentiras na maioria dos países, mas o Japão é toda política sem nenhuma característica redentora e deve ser evitada por todos os poetas",<sup>27</sup> escreveu Tagore, afirmando seus medos. Esse trecho estava presente numa carta de 2 de julho de 1915 enviada a Alice, esposa de William Rothenstein, um pintor, impressor, desenhista, professor e escritor inglês de arte, e mentor da carreira de Tagore como uma figura internacional.<sup>28</sup>

Entre os anos de 1916-1929 Pinto (2011)<sup>29</sup> narra que Tagore não visitou o Japão como poeta, embora tenha lido suas poesias para o público em algumas ocasiões. Ele foi ao país como palestrante de assuntos deliberativos para fornecer sua visão de mundo e política aos japoneses. Nesse intervalo de tempo Tagore interagiu com os mais variados grupos da sociedade como, monges budistas, artistas, pintores, poetas, mulheres, crianças, escritores, estudantes, particularmente os coreanos,<sup>30</sup> políticos. No entanto, essa interação não se deu de forma aleatória, pois cada uma dessas coletividades provinha de círculos eleitorais específicos, com claras vinculações ideológicas, assim alguns receberam as palestras de Tagore de forma positiva, outros nem tanto, devido as suas próprias ideologias.

Como já apresentado à primeira visita de Tagore ao Japão (1916) ocorreu no contexto doméstico do fim da Era Meiji, e da Primeira Guerra Mundial, no cenário internacional. Nesse período prevalecia no Japão o pensamento político deixado por Fukuzawa Yukichi (1834-1901), teórico político, educador e fundador da Universidade de Keio, e também as ideias formuladas por Ôkawa Shûmei (1886-1957)<sup>31</sup>, nacionalista e pan-erudito asiático (PINTO, 2011). Como relata Bobbio (2000)<sup>32</sup>, ambos intelectuais tornaram-se inimigos ideológicos que Tagore

---

<sup>27</sup> Lago, *Imperfect Encounter*, p. 204.

<sup>28</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. *The Journal of Sophia Asian Studies* 29, 2011, 109-135.p.115.

<sup>29</sup> *Ibid.*,p.115.

<sup>30</sup> Segundo Chung (2011), Tagore passou a identificar os "problemas do Japão Imperialista" uma questão para os coreanos, pois em suas convicções dada as condições do mundo naquele período, nenhum país pequeno poderia esperar que apenas suas barreiras geográficas, e seus próprios recursos garantissem proteção, logo o autor identifica que o problema diante dos coreanos era de cultivar uma força moral que lhes permitisse estabelecer um relacionamento mútua honroso para ambos os lados (Coreia e Japão).

<sup>31</sup> As ideias de Fukuzawa Yukichi e Okawa Shumei são marcantes na formação da "atmosfera nacionalista", criando propensões às novas escolhas. Yukichi e Shumei exaltam o destino japonês de ser líder da Ásia, um destino abraçado, no campo da ação, por Ito Hirobumi, Inoue Kaoru e Ôkuma Shigenobu (Pinto, 2011).

<sup>32</sup> BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.



precisou enfrentar publicamente em suas Conferências, refutando os ideais de nacionalismo e militarismo.<sup>33</sup>

Os novos encarregados de conduzir a política externa do Japão Meiji foram inspirados por um enorme descontentamento com a inépcia do antigo regime, assim optaram por agir de modo radical a fim de obter resultados imediatos (HANE, 1992)<sup>34</sup>. Esse comportamento estava fundamentado quase que totalmente em valores europeus derivados do utilitarismo e positivismo, que foram empregues com o objetivo de substituir a doutrina Confucionista que transpassou a região a região do Extremo Oriente por séculos (KANG, 2012)<sup>35</sup>.

Os principais políticos a promoverem essa política no país foram: Itō Hirobumi (1841-1909), estadista, quatro vezes primeiro-ministro do Japão a partir de 1888, e mais tarde Residente-Geral da Coreia entre os anos de 1905-1909; Inoue Kaoru (1835-1915), membro da oligarquia Meiji; Matsukata Masayoshi (1835-1924), político e primeiro-ministro de 1896-1898; e Ōkuma Shigenobu (1838-1922), primeiro ministro brevemente no final de 1898 e depois novamente de 1914-1916. Ōkuma foi pioneiro em defender a ciência e cultura proveniente do Ocidente, e fundador da Universidade de Waseda, além do mais foi o principal anfitrião político de Tagore em suas visitas. Isso oferece uma noção essencial das forças políticas e econômicas que Tagore teve que enfrentar na exposição de suas crenças e pensamentos.

Os políticos japoneses saudaram com grande alegria a eclosão da Grande Guerra na Europa em agosto de 1914<sup>36</sup>, eles enxergavam nessa ocasião uma chance sem precedentes para recuperar o sentido de glória nacional (SPODE, 2018)<sup>37</sup>. Entretanto, essa glória era impossível de ser alcançada em sua plenitude sem ajuda de uma grande potência ocidental, pois para alcançá-la era necessário a dominação de partes estratégicas do território chinês.

---

<sup>33</sup> Se existe um *topo* para as ideias defendidas por Tagore, muitas vezes associadas ao pacifismo de fins há também um lugar para as ideias nacionalistas e militaristas. Essas últimas conhecidas por exaltar não o espírito de cultura, de civilização e sim o espírito de raça, de nação, de poder e riqueza: em síntese, o espírito da glória nacional. (BOBBIO, 2000).

<sup>34</sup> HANE, Mikiso. **Modern Japan: a Historical Survey**. Colorado: Westview Press, 1992.

<sup>35</sup> KANG, David C. **East Asia Before the West: Five Centuries of Trade and Tribute**. Nova York: Columbia University Press, 2012.

<sup>36</sup> Jünger (2013) e Tuchman (1990) demonstram que existia, numa certa parcela de intelectuais e estadistas desse período um certo deslumbramento com a guerra, pois o conflito era visto como uma oportunidade através da qual poderia haver má redistribuição dos recursos materiais e espirituais de todo mundo. (SPODE, 2018)

<sup>37</sup> SPODE, Raphael. **A dimensão moral e religiosa da política internacional: pensamento e contribuição de Rui Barbosa**. 2018. Tese de Doutorado – UnB, Brasília, 2018.

Logo, a tentativa de domínio do território chinês se materializou na forma de algumas das exigências mais notórias presente nas “vinte e uma exigências”, conjuntos de exigências realizadas pelo Japão sob o governo do primeiro-ministro Ôkuma Shigenobu que foram enviadas ao governo da República da China em 18 de janeiro de 1915. Essas condições culminaram na celebração de dois tratados entre os países: as exigências basicamente reafirmavam o completo domínio do Japão nas províncias de Shandong (costa leste da China), Manchúria Meridional e Mangólia Interior (PINTO,2011)<sup>38</sup>. Entretanto, esse feito só foi possível, pois no ano anterior (1914) com a ajuda e apoio da Grã-Betanha, foi possível sufocar a Revolta dos Boxers<sup>39</sup>.

Outro fator que corroborava com o desejo por dominação da nação japonesa residia no pensamento concebido por Fukuzawa, pensador e acadêmico japonês, que deixou registrado em sua obra *Japan's Mission in Asia* (1982) sua concepção acerca do “Destino Manifesto do Japão”. Segundo ele, o destino do país era ser líder da Ásia; baseados nesse ideal surgiram alguns grupos ultranacionalistas com o objetivo de ampliar e solidificar o domínio japonês pelo mundo, como o Black Dragon Society<sup>40</sup>, organização de extrema-direita formada em 1901 e comandada pelo líder político Toyama Mitsuru, que atuou em diversos países como Etiópia, Turquia e Marrocos. Okakura era considerado por Tagore como “uma grande personalidade intelectual”, também acreditava nesse ideal pan-asiático, destarte (PINTO 2011)<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.p.116.

<sup>39</sup> A Revolta dos Boxers caracterizou-se por uma revolta popular que ocorreu na China entre 1899 e 1900, possuía caráter anticristão, tradicionalista e anticidental. Pretendiam tirar todos os estrangeiros do Império, a fim de a comunidade retornasse à vida tradicional antiga.

<sup>40</sup> Antes da Primeira Guerra Mundial, as organizações de direita no Japão não possuíam status social e raramente eram abertamente associadas a proeminentes personalidades políticas ou governamentais. Até 1914, os seus membros eram homens que viviam a margem da sociedade, frequentemente recrutados nas fileiras dos fracassos sociais, desajustados e até gangsters, nunca da elite educacional. Em 1918, no entanto, as principais organizações de direita dos anos pré-guerra contavam com o apoio de políticos e burocratas proeminentes e seus membros passaram a serem recrutados entre os graduados das universidades mais respeitadas do Japão. As novas organizações de direita complementaram o bem estabelecido Kokuryukai (Sociedade do Dragão Negro) e os Rōninkai (a Sociedade dos Samurai sem Mestre), ambos cujas origens remontam à Gen'yōsha (Sociedade do Oceano Negro) de Toyama Mitsuru. No final da guerra européia, essas organizações estabelecidas ainda estavam implacavelmente defendendo a agenda familiar pan-asiática dos anos pré-guerra - ou seja, a suposta missão de libertar a Ásia (Szpilman,2003).

<sup>41</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.p.116

\*\*\*

Wendt (1994) definiu a identidade dos Estados como um produto de processos relacionais, sujeitas a mudanças, criticando o fato de alguns teóricos considerá-las como predeterminadas (NOGUEIRA & MESSARI, 2005)<sup>42</sup>. Tais mudanças podem ocorrer por imitação – ideia acentuada na noção de socialização proposta por Kenneth Waltz (1979) – na qual os Estados validam ações e características daqueles que entendem como prósperos. Toda essa transformação pode ocorrer de maneira rápida, assim como fora a célere modernização e consolidação organizacional do Japão em moldes ocidentais na Era Meiji. Ainda nessa perspectiva, Wendt (2014)<sup>43</sup> destaca que agentes que dispõem de comportamentos altruístas quando inseridos em um ambiente anárquico dominado por entes egoístas, Estados que ainda não correm riscos podem ponderar que a única solução para sua sobrevivência, é utilizar de padrões de comportamento e identidade que expressem agressividade: essa é a concepção indispensável para ajudar a compreender o engendramento do imperialismo e nacionalismo japonês na segunda metade da Era Meiji. (LAÍS, 2015)<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> NOGUEIRA, João Pontes & Messari, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

<sup>43</sup> WENDT, Alexander. **Teoria Social da Política Internacional**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2014.

<sup>44</sup> REIS, Laís Campos. **A hegemonia do “outro”, ocidente e imperialismo: A Mudança de identidade japonesa na Era Meiji (1868-1912)**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) – UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/handle/235/8594>>. Acesso em: 05 de jul. 2019

### 3 AS CONFERÊNCIAS DE RABINDRANATH TAGORE NO JAPÃO

Em meados 1916, período de grandes acontecimentos que conduziam Estados de todo globo a uma deflagração mundial, Tagore proferiu uma sequência de conferências no Japão. (SPODE,2018). As conferências tinham como objetivo alertar e exortar os japoneses para os perigos presentes nas práticas nacionalistas e imperialistas em ascensão. Além disso, o poeta fazia questão de deixar transparecer sem nenhuma ressalva o intenso amor que sentia pelo Japão (TAGORE, 1918).<sup>45</sup>

Durante os meses de junho e julho, Tagore expressou seus mais profundos anseios em relação à humanidade e aos eventos globais em curso em duas palestras: a primeira palestra desse conjunto realizou-se em 11 de junho de 1916 na Universidade Imperial de Tóquio e recebeu o título de “A mensagem da Índia para o Japão”. A segunda conferência ocorreu logo em seguida, em 2 de julho do mesmo ano, para estudantes oriundos de várias universidades, sediada na Universidade de Keio, também na cidade de Tóquio e foi denominada como “O Espírito do Japão (PINTO, 2011)<sup>46</sup>

Dado intenso caráter crítico feito as práticas derivadas do nacionalismo e imperialismo, o conteúdo expresso durante as conferências foram reunidos em um único volume e impressos sob o título “Nationalism” conforme a primeira edição publicada em língua inglesa, em 1918. Tagore buscou nessas conferências, sobretudo, expor uma doutrina pacifista, contraponto a ideologia militarista que estava sendo popularizada em todo mundo. Além disso, tendo em vista toda a sua sensibilidade religiosa e filosófica, ele propõe uma interação muito clara entre política, filosofia e espiritualidade.

Quando chegou a Tóquio para proferir suas palestras, o filósofo foi recebido com grande fervor e empolgação; uma multidão estimada entre vinte e cinquenta mil pessoas lotava a estação na tentativa de vislumbrar o perto possível o Prêmio Nobel. Já em 11 de julho de 1916, dia em que ocorreu a primeira conferência, o auditório da Universidade Imperial de Tóquio já

---

<sup>45</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.

<sup>46</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.

se encontrava cheio duas horas antes do início: a *intelligentsia* japonesa ansiava ouvir o que mestre indiano tinha para dizer (HAY, 1970).<sup>47</sup>

Os principais assuntos tratados em suas conferências consistiam em esclarecer sobre a unidade valorativa existente entre as civilizações asiáticas e sua espiritualidade subjacente, a ameaça gerada pelo modernismo <sup>48</sup> à religiosidade inerente ao modo de vida dos asiáticos e realizar um minucioso exame sobre o epifenômeno do nacionalismo emergente na sociedade japonesa.

Rabindranth Tagore via no Japão um terreno fértil para explanar sobre essas temáticas, pois o país vivia o momento do “despertar”, um despertar à modernidade. Segundo o autor os japoneses desejavam ardentemente libertar-se da “inércia” que viviam há milênios, e para isso afastou-se de todos os preceitos sobre política e religião que o Oriente protegia. Assim, suas palestras podem ser entendidas como uma tentativa de provocar nos cidadãos e estadistas japoneses a consciência de que o moderno aos moldes ocidentais não era tão benéfico quanto se pensava, que esse modo de vida sempre viria acompanhado de algumas mazelas difíceis de serem superadas. Para alcançar tal fim, o poeta utilizava com frequência representações da natureza, e sobretudo da religiosidade, com a esperança de reconectar os japoneses as suas origens e ancestralidade. Para Tagore o entusiasmo com a vida moderna não deveria afastar o homem do que verdadeiramente importava: o contato com a natureza, com o próximo e com o divino transcendental (TAGORE, 2013).<sup>49</sup>

A fim de compreender com êxito os ideais e valores morais e políticos pregados por Tagore, vale ressaltar o seu apurado senso de espiritualidade, profundamente influenciado pelos Upanishads, escritos derivados do mais antigo texto hindu, os Vedas. Os videntes Upanishadis ou os asis foram inspirados pelo propósito de compreender a natureza da realidade última que, acreditavam, está por trás do mundo da experiência comum. Entretanto, Rabindranath não possuía a lealdade dogmática aos Upanishads, em vez disso, ele recorria a

---

<sup>47</sup> HAY, Stephen. **Asian Ideas of East And West: Tagore and His Critics in Japan, China, and India**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970, p. 63.

<sup>48</sup> Quando Tagore trata sobre modernismo ou modernidade ele refere-se a mudividência ocidental, à manifestação do nacionalismo europeu que tinha como objetivo final da vida do sujeito a luta pelo poder.

<sup>49</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nacionalismo**. Trad. Federico Corriente Basús e Sonia Chaparro. Buenos Aires: Taurus, 2013.

doutrina para moldar seu próprio entendimento sobre os seres humanos e o mundo (PINTO 2011).<sup>50</sup>

### 3.1 “A MENSAGEM DA ÍNDIA PARA O JAPÃO”, PRIMEIRA CONFERÊNCIA (11 DE JUNHO DE 1916)

Logo, a primeira palestra ministrada na Universidade Imperial de Tóquio denominada “A mensagem da Índia ao Japão” visava elucidar as concepções de Tagore sobre política internacional e as ações imperialistas do Japão sob o ponto de vista filosófico, da religiosidade e do apreço a natureza, levando uma mensagem extraída do modo de vida dos indianos aos japoneses, sempre tentando trazer à memória os laços de amizade efetivos entre as duas nações. Nesse momento inicial o palestrante e autor busca lembrar a ancestralidade asiática, e explicar aos seus ouvintes como essa adoção do modo de vida ocidental descaracterizava o próprio homem asiático. Tagore entendia que a modernidade oriunda do Ocidente representava uma ameaça ao homem asiático, pois divergia ferozmente do que ele chamava de a cultura do espírito<sup>51</sup>, ou seja, a postura moral do homem oriental (TAGORE, 2013).<sup>52</sup>

Na esperança de estabelecer um contraponto as ideias nacionalistas, imperialistas e expansionistas oriundas da Europa que haviam penetrado na consciência coletiva do povo japonês, Tagore narra para os cidadãos presentes na ministração da sua Primeira Conferência como a narrativa do povo asiático é uma trajetória de vitória, diferente da ideia propagada pelos ocidentais de que o povo asiático era inerte, sem criatividade e pouco desenvolvido<sup>53</sup>. Entretanto, o poeta demonstra com exemplos práticos porque essa alegação de inércia não se sustenta: segundo ele, os asiáticos produziram belíssimas obras de arte no decorrer de sua história, a arquitetura bem elaborada e sofisticada demonstra o amor e o proteção que o povo deposita em sua país, e nada disso pode se apresentar como características de um povo inerte e pouco desenvolvido. O que Tagore alega é que o desenvolvimento alcançado pelos asiáticos se difere daquele tido como exitoso para os ocidentais, e isso não poderia ser usado como razão

---

<sup>50</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.

<sup>51</sup> Segundo Tagore o espírito de conflito e conquista estava na origem e no centro do nacionalismo ocidental, logo isso desvirtuaria o espírito de cooperação social cultivado pelos povos orientais.

<sup>52</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nacionalismo**. Trad. Federico Corriente Basús e Sonia Chaparro. Buenos Aires: Taurus, 2013.

<sup>53</sup> Tagore (1918) defende que essas ideias eram propagadas a fim de enfraquecer o povo asiático e subjugar-los, para assim impor o modo de vida europeu a todas as nações e beneficiar-se com comércio.

para os japoneses abandonarem seu modo de vida e de governo; ao contrário deveriam fortalecer e aperfeiçoar suas próprias crenças e condutas , aprendendo com os ocidentais apenas o que lhe fosse benéfico, ou seja, o vigor e a vontade de ser sempre melhor (TAGORE,1918)<sup>54</sup>.

Outro argumento utilizado por Tagore para com os japoneses é o de que cada povo possui uma missão única na terra. Para exemplificar sua ideia esclarece qual seria a propósito do seu país de origem, a Índia. Segundo ele a missão dos indianos deriva de seu problema originário, que consiste na disparidade existente entre as raças (sistema de castas); desta forma a grande missão do país seria enfrentar essa desigualdade e provar sua humanidade, lidando com isso do modo mais verdadeiro possível, ou seja, promovendo regulações sociais das diferenças, e sobretudo, realizando o reconhecimento espiritual da unidade do ser humano. Segundo ele, nem a imprecisão do cosmopolitismo difundido pelo Ocidente, nem a devastadora veneração pela nação se constituem como objetivos da história humana, os nossos propósitos devem ser pautados nas relações com o outro e a realização das ideias e convicções espirituais. O filósofo defende que as potências ocidentais impõem missões prejudiciais a elas mesmas e aos outros países, sempre com vista a promover o comércio e a expansão territorial, e é por essa razão que os países orientais nunca sentem que estão no caminho certo, fato esse que conduziu o Japão a se perder em seus propósitos, e missão, buscando incessantemente pela modernização aos moldes ocidentais. À vista disso, no decorrer de toda a primeira palestra e conseqüentemente de toda obra, Tagore deixa nítida sua preocupação com os aspectos morais que estão em jogo na decisão do Japão pela Ocidentalização. De acordo com o autor, quando o homem e a nação se modernizam no sentido ocidental do termo e do processo, ambos passam a buscar não mais a essência e a permanências das coisas e das pessoas, mas a satisfação do seu próprio orgulho.

A partir dessa definição sobre propósitos e missões ainda em sua primeira Conferência Tagore tece uma profunda crítica ao conceito de Nação e de Estado moderno. Em sua visão, o Estado é um autômato, uma espécie de máquina constituída para operacionalizar o modo de viver ocidental, ou seja, foi concebido a fim de subordinar os demais povos, de realizar guerras, conquistar territórios, acumular recursos e compartilhar o senso de glória e triunfo entre os

---

<sup>54</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.

cidadãos. A partir dessas ações o Estado concebe nos indivíduos uma sensação psicoativa de satisfação e sucesso.<sup>55</sup>

The people accept this all-pervading mental slavery with cheerfulness and pride because of their nervous desire to turn themselves into a machine of power, called the Nation, and emulate other machines in their collective worldliness.<sup>56</sup> (TAGORE, 2018).

É importante mencionar que Tagore (1918) não se opunha a constituição de uma sociedade, assim como era a Índia antes da colonização por parte dos britânicos. De acordo com suas concepções a sociedade é um fim em si mesmo, e surge da expressão espontânea do homem como ser social, isto é, uma regulação natural dos relacionamentos humanos. Para que os homens possam desenvolver ideais de vida em cooperação uns com os outros, há também o lado político das sociedades, mas que existe apenas para uma finalidade especial, a da autopreservação. Assim o grande problema relacionado ao Estado começa a partir do momento em que o dito poder político presente nas sociedades torna-se instrumentalizado para atingir fins gananciosos e egoístas.

Após suas considerações aos conceitos de Nação e Estado Moderno, Tagore redige uma dura crítica ao chamado “nacionalismo”. Não é de modo aleatório que sua obra é intitulada de *Nationalism*, pois esse se torna o tema central de sua exposição. Com o intuito de evitar que os japoneses aderissem de fato ao sentimento nacionalista como um instrumento de motivação política, o autor persiste em expor os males dessa ideologia. No pensamento de Rabindranath Tagore (1918), o que anima o Estado é o nacionalismo, ou também denominado de patriotismo nacional, pois trata-se de uma força, sentimento que se move pelo desejo insaciável de poder. Assim conduzido pelo patriotismo nacional, o Estado é uma das mais perigosas e perniciosas criações humanas porque induz as pessoas a cultivarem uma vontade insaciável pelo poder, ou seja, é o nacionalismo que torna o Estado perigoso. Por essa razão, o Estado confunde as pessoas e seus sentimentos, transmutando-os, ao fazê-las acreditar em falsas finalidades, tais como poder, honra, superioridade e conquista.

---

<sup>55</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nacionalismo**. Trad. Federico Corriente Basús e Sonia Chaparro. Buenos Aires: Taurus, 2013.

<sup>56</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.p.27.



O Estado Nação - um ente abstrato que dita as normas da comunidade -, segundo o poeta bengali, tornou-se todo-poderoso às custas da harmonia da vida social, pois quando se permite transformar a sociedade numa organização perfeita de poder, há poucos delitos que não capazes de perpetrar no seu âmago. O aflingimento de Tagore com a perpetuação da ideia de Estado acontece sobretudo pela situação vivida pela Índia, no interim de suas Conferências, quando o país se encontrava sob domínio britânico, pois o poeta temia pela perda dos princípios e valores essenciais do seu povo. Ele propagava isso argumentando o entendimento de que o Estado é um ser completamente abstrato; entretanto os governados não são, e sim indivíduos com sensibilidades vivas, entretanto, as políticas exercidas pelas potências ocidentais sob o seu próprio povo e sob as demais populações é cada vez menos humana e espiritual.

This abstract being, the Nation, is ruling India. We have seen in our country. Some brand of tinned food advertised as entirely made and packed without being touched by hand. This description applies to the governing of India, which is as little touched by the human hand as possible. The governors need not know our language, need not come into personal touch with us except as officials ; they can aid or hinder our aspirations from a disdainful distance, they can lead us on a certain path of policy and then pull us back again with the manipulation of office red tape ; the newspapers of England, in whose columns London street accidents are recorded with some decency of pathos, need but take the scantiest notice of calamities which happen in India over areas of land sometimes larger than the British Isles (TAGORE, 1918).<sup>57</sup>

Para Chadwick (1952)<sup>58</sup> a crítica de Tagore ao Nacionalismo é clara: se o Estado é um autômato impulsionado pelo nacionalismo ele irá, enquanto um epifenômeno da civilização política, levar a humanidade ao esgotamento moral, isto é, ao desfazimento dos laços vivos da sociedade humana pela simples razão de fazer acreditar às pessoas que elas são inimigas ou rivais umas das outras ou que estão competindo no mundo. Tagore propõe uma reflexão mais humana acerca do Estado e suas implicações: a nação é para o ser humano e não o contrário, em sua visão, a vida humana é o fim último e mais importante a ser preservado.

Tagore entendia que a *civilização política* - aliás, o uso desse termo em sua obra e exposição oral sempre faz referência a Europa com o advento da modernidade -, não poderia continuar se sustentando sobre as bases do egoísmo, da ganância, da busca desenfreada por riquezas, da exploração dos mais fracos e pobres, pois ele acreditava que há limites fixados pelo

---

<sup>57</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.p.27.

<sup>58</sup> Nora Chadwick K. **Poetry and Prophecy**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1952

próprio universo, limites para a conquista, para a obstinação e para a ambição humana. A ideia é interessante e marca o início da apresentação de sua proposta ética normativa às relações internacionais, que será apresentada e debatida posteriormente.

Segundo o autor, a civilização política descumpra mandamentos morais que de acordo com Tagore indicam claramente que o nacionalismo crescente e o modo da nação operar não poderia continuar do mesmo modo. Esses mandamentos ou leis morais recaem da mesma maneira sob os indivíduos como nos agrupamentos humanos e nenhum cidadão pode violar essas leis em nome de sua nação e aproveitar suas vantagens de maneira impune como indivíduo singular, isto é, não há uma moral de Estado e outra do sujeito, como defendia Maquiavel: a moral é única.<sup>59</sup>

A fim de concluir sua primeira preleção em solo japonês, Tagore esclareceu sobre a imprescindibilidade dos ocidentais para o povo oriental. Para o poeta os dois componentes em questão seriam complementares, dada as diferentes perspectivas sobre a vida, que constituíram distintos aspectos da verdade; assim ambos teriam o que aprender e ensinar um ao outro. Devido ao contato próximo com os britânicos, o poeta deixa registrado em particular o seu amor e admiração por esse povo, consoante suas experiências pessoais ele afirmava que os saxões eram limpos em suas mentes, verdadeiros em suas ações e amizades, honestos e confiáveis. Entretanto, a Nação com sua ciência aplicada e sua pressão impessoal os corrompia. A metáfora utilizada por Tagore é que o Estado-nação corrompido pelo sentimento nacionalista “é como espessa neblina de natureza sufocante que cobre o próprio sol e impede sua luz de irradiar”<sup>60</sup>.

Na conclusão de sua exposição sobre a mensagem da Índia ao Japão, Tagore ressalta os laços de amizade entre as duas sociedades, e aconselha veementemente o povo japonês a apegar-se firmemente à confiança em Deus e autenticidade existente na alma humana a fim de não sucumbir as tentações da perversão moral e dos aparentes benefícios gerados pelo sentimento nacionalista de conquista e dominação. Além disso, ressalta a missão do povo oriental, que não diz respeito a comércio ou as expansões territoriais, mas sim ao encargo de

---

<sup>59</sup> Maquiavel, 1983, cap. XV.

<sup>60</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.p.17.

abrilhantar a história da humanidade com pureza, e fazer das moléstias resultantes do sofrimento, um país abençoado por meio da amizade e do apreço a natureza.

### 3.2 “O ESPÍRITO DO JAPÃO”, A SEGUNDA CONFERÊNCIA (2 DE JULHO DE 1916)

Na segunda conferência proferida por Rabindranath em 2 de julho do mesmo ano, denominada como “O Espírito do Japão”, Tagore buscou desviar o foco do seu país e dissertar sobre a política japonesa do período, exortado em suas ações para que se garantisse superação do nacionalismo e o retorno as seus ideais de sociedade guardiã da paz. (PINTO 2011)<sup>61</sup>

Nessa segunda exposição, o filósofo indiano tinha como principal objetivo exaltar as virtudes da nação japonesa, a fim de demonstrar que o país já possuía uma identidade própria, logo não havia necessidade de se apropriar da cultura e mentalidade ocidental. Ele apresenta o Japão como antigo e novo ao mesmo tempo, possuidor de um legado cultural que ordena ao homem procurar sua verdadeira riqueza e poder em seu interior; é uma cultura que resulta em autocontrole diante da perda e do perigo. Tagore define o Japão da seguinte maneira:

The truth is that Japan is old and new at the same time. She has her legacy of ancient culture from the East,-the culture that enjoins man to look for his true wealth and power in his inner soul, the culture that gives self-possession in the face of loss and danger, self-sacrifice without counting the cost or hoping for gain, defiance of death, acceptance of countless social obligations that we owe to men as social beings. In a word, modern Japan has come out of the immemorial East like a lotus blossoming in easy grace, all the while keeping its firm hold upon the profound depth from which it has sprung.<sup>62</sup> (TAGORE, 191)

A partir desse segundo momento, Tagore passa a apresentar alternativas aos japoneses em detrimento do nacionalismo. Segundo ele, o povo deveria usar sua intelectualidade oriental, sua potência espiritual, seu amor à simplicidade, seu reconhecimento da obrigação social, a fim de traçar um novo caminho para o progresso, lançando mão das discórdias e conflitos. No entanto, a observação feita por Kanokogi Kazunobu (1884-1949), professor da universidade de Keio, que descreveu Tagore como “uma bela flor de uma país perdido”,<sup>63</sup> revela que a mentalidade imperialista já estava tão arraigada da sociedade japonesa, que seria difícil superá-la e convencê-los do contrário. De acordo com Pinto (2011), os slogans nacionais,

---

<sup>61</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy.** The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.

<sup>62</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism.** London: Macmillan and Co., Limited, 1918.p.53.

<sup>63</sup> A declaração feita por Kanokogi Kazunobu deixa claro que a personalidade de Tagore era admirada e respeitada entre os japoneses, já a nação indiana era vista apenas como um território a ser dominado.

e a natureza imperiosa crescente no Japão transmitia o plano do país de suplantar o raj britânico, e estabelecer a hegemonia japonesa na Índia “reconquistando” desse modo os indianos para Ásia: esse era o ponto crucial dos ideais pan-asiáticos. Mas, recuperar significava apenas um prelúdio para dominar a Índia e engrandecer o Japão, e foi para essa finalidade que o governo japonês encorajou secretamente os movimentos revolucionários na Índia, e forneceu refúgio aos rebeldes indianos em seu país. Quando examinado de perto essa situação, entende-se o porquê da grande recepção concedida a Tagore nas principais universidades de Tóquio, que incluiu reuniões com notórias figuras políticas e intelectuais e uma grande cobertura da mídia. Porque, em suma, dar as boas-vindas a Tagore ajuda a criar um clima favorável tanto no Japão quanto na Índia e não havia nada melhor do que receber um bengali reverenciado para que ele levasse a mensagem imperiosa dos japoneses para casa e para o restante do mundo.

O slogan criado pelo governo japonês "hakkō ichiu" (literalmente, "oito cantos do mundo sob o mesmo teto"), foi usado tanto para justificar sua tentativa de controle sobre a Índia, quanto para racionalizar a invasão da China, durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa. E, mais tarde, a partir da década de 1940 para significar a liderança do Japão em toda Ásia e gradualmente por todo mundo.

Entretanto, Tagore não se deixou seduzir pelas investidas dos japoneses, e se manteve firme em suas convicções sobre amor, paz e espiritualidade como os únicos caminhos viáveis para humanidade. Segundo Andrews<sup>64</sup>, que acompanhou Tagore durante toda sua visita, em 1916 quando foi proferir a segunda palestra, o filósofo não estava completamente desanimado, mas sua natureza sensível sentia profundamente e isoladamente a que estava sendo submetido, não físico, mas totalmente no campo ideológico: toda a natureza interna no Poeta encontrava-se em estado de completa revolta contra o espírito violentamente agressivo da época, incitado pelo ideais nacionalista da Nação (HAY, 1970)<sup>65</sup>. Essa decepção pode ser sentida a partir da leitura de obra “Nationalism”, constituída a partir do conteúdo ministrado nas Conferências de 1916:

---

<sup>64</sup> Tagore contava com um proeminente ciclo de amizades, entre eles estava presente C.F Andrews, missionário cristão, educador e reformador social na Índia.

<sup>65</sup> HAY, Sthepen. **Asian Ideas of East And West: Tagore and His Critics in Japan, China, and India**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970, p.72.

I have seen in Japan the voluntary submission of the whole people to the trimming of their minds and clipping of their freedom by their government, which through various educational agencies regulates their thoughts, manufactures their feelings, becomes suspiciously watchful when they show signs of inclining towards the spiritual . . . The people accept this all-pervading mental slavery with cheerfulness and pride because of their nervous desire to turn themselves into a machine power, called the Nation, and emulate other machines in their collective worldliness. (TAGORE, 1918)

Contudo, mesmo vislumbrando todos os acontecimentos e a escalada violenta do povo japonês rumo aos conflitos, Tagore persistia acreditando na bondade daquela sociedade, na remissão do homem quanto espécie, pois quando destituídos da frenesia que a Nação despertava, o indivíduo poderia ser bom, um ser apegado a espiritualidade.

Leavitt (2000)<sup>66</sup> defende que Tagore possuía a faculdade de transformar sua prosa em profecia, combinando duas características específicas éntheos (inspiração) e alétheia (dom da verdade). Os seminários públicos ministrados por Tagore, especialmente o de 2 de julho de 1916, evidenciaram sua capacidade dada por Deus de aprofundar-se e revelar uma realidade conhecida apenas pelos deuses. Há poucas dúvidas que o Sol da Índia possuísse uma motivação claramente espiritualizada, pois buscava sempre um estado de consciência ligado diretamente ao divino, por isso foi considerado por muitos como possuidor de uma habilidade em conhecer as coisas para além do mero entendimento mortal, o guardião do conhecimento do passado, bem como do futuro e, nesse sentido, mestre da verdade (PINTO,2011).<sup>67</sup>

Ainda segundo Pinto (2011), a seguinte fala expressa na Universidade de Keio (Tóquio) é um exemplo claro do presságio realizado por Tagore.

You must have detected a strong accent of fear, whenever the West has discussed the possibility of the rise of an Eastern race. The reason for it is this, that the power, by whose help she thrives, is an evil power; so long as it is held by her own side she can be safe, while rest of the world trembles. The vital ambition of the present civilisation of Europe is to have the exclusive possession of the devil. All her armaments and diplomacy are directed upon this one object. . . . To the worship of this devil of politics she sacrifices other countries as victims. She feeds upon their dead flesh and grows fat upon it. . . . Japan had all her wealth of humanity, her harmony of heroism and beauty, her depth of self-control and richness of self-expression; yet the Western nations felt no respect for her, till she proved that the bloodhounds of Satan are not only bred in the kennels of Europe, but can also be domesticated in Japan and fed with man's miseries. They admit Japan's equality with themselves, only when they know that Japan also possesses the key to open the flood-

---

<sup>66</sup> LEAVITT, John. **Ed. Poetry and Prophecy: The Anthropology of Inspiration**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

<sup>67</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.

gates of hell-fire upon the fair earth. . . . The past has been God's gift to you; about the present, you must make your own choice. (PINTO, 2011)<sup>68</sup>

As profecias de Tagore expressas naquele dia no ano de 1916, mais tarde se revelou não apenas extraordinariamente anacrônicas, mas também comprovaram o caráter de um homem que não se curvou diante dos autoritários ventos que o Japão soprava por todo mudo. Muitas pessoas acreditavam que por ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura, o Poeta expressaria inúmeros elogios aos fenômenos da modernização, civilização e nacionalismo. No entanto, a integridade inata de Tagore permaneceu inabalável frente as circunstâncias, sua visão destemida e sua poderosa percepção fizeram dele um profeta sobre o destino dos japoneses (PINTO,2011). Contudo, só o tempo daria ao Japão uma resposta mais clara a respeito do inimigo que seu próprio governo criou durante décadas. Essa revelação ocorreu infelizmente sob a forma do bárbaro ataque nuclear as cidades de Hiroshima e Nakasaki, ao final da Segunda Guerra Mundial. A exposição de uma poeta, expressa sobre a forma de profecia, é um presente raro à humanidade, mas que lamentavelmente nem sempre é usado e bem aceito como ocorreu na relação entre Tagore e os japoneses.

---

<sup>68</sup> PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135.p.120-121.

#### 4 A ÉTICA DA COMPAIXÃO, UMA PROPOSTA NORMATIVA.

Após analisarmos e entendermos as ideias centrais do pensamento político de Tagore, disseminados, sobretudo, por meio de suas Conferências ministradas no Japão, cabe agora explorar a proposta normativa pensada pelo poeta para o cenário político daquela época, mas que se aplica com êxito até os dias atuais.

Como já visto anteriormente, Rabindranath ressalta a todo momento a importância da vivência e da plenitude espiritual em detrimento a acumulação de bens terrenos. Pois, conforme sua cosmovisão, seria essa busca incessante dos homens por riquezas que conduziria a humanidade à ruína, pois a fim de obter poder e glória o homem torna-se um ser capaz de cometer atrocidades gigantescas contra os seus semelhantes, e por assim sendo a humanidade não poderia continuar trilhando o caminho da indiferença e do egoísmo (TAGORE, 2013).<sup>69</sup>

Desse modo, Tagore defende que somente uma mudança completa na mentalidade dos homens poderia ser eficaz na superação da ação política que enaltece o individualismo e a desconfiança, ou seja, o nacionalismo, assim o homem deveria afastar o seu desígnio das coisas efêmeras da terra e voltar-se para aquilo que é permanente, a espiritualidade humana.

Diferente de vários pensadores, acadêmicos e líderes políticos do Ocidente, Tagore não considerava que as nações uniam-se apenas devido a interesses políticos, militares e econômicos. Contrariamente, sua convicção era de que os laços de amizade são o único vínculo natural existente entre as nações. Para justificar tal pressuposto, ele utiliza o histórico de relações existente entre a Índia e o Japão que sempre havia sido de máximo respeito e estima, até o momento em que ambas as nações foram apossadas por nações ocidentais: a Índia de maneira brutal por meio da colonização, o Japão de forma indireta através do domínio da intelectualidade e da cultura. Para Tagore (2013), a civilização europeia que estava adentrando o Oriente, não se configurava como uma sociedade humana, mas apenas como uma sociedade científica, isto é, o poeta não enxerga o progresso tecnológico e os desenvolvimentos do Ocidente como uma vantagem sobre o modo de vida oriental, para ele o que mais importa são os valores familiares, a consciência moral do indivíduo, e os princípios sociais cultivados pela comunidade.

---

<sup>69</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nacionalismo**. Trad. Federico Corriente Basús e Sonia Chaparro. Buenos Aires: Taurus, 2013.

Depreende-se por meio de sua obra que o autor e poeta confiava vigorosamente na remição do Japão e no regresso aos valores cultivados pelos seus próprios ancestrais. A fim de corroborar com essa convicção, Tagore expõe (dentre os vários países que visitou) que teve a oportunidade de conhecer diversos homens das mais variadas classes, mas em nenhum outro lugar sentiu tão claramente a presença do humano como no Japão. Entretanto, todo esse sentimento encontrava-se encoberto pela perturbação do nacionalismo. Assim, o conselho dado ao Japão naquele ínterim era o de se manter firme na observação da lei moral da existência e convencer-se de que as nações ocidentais optaram pela via do suicídio, e por esconder sua humanidade debaixo do imenso guarda-chuva das organizações que criaram para manter o poder (TAGORE, 1918).<sup>70</sup>

Tagore desejava ardentemente que os japoneses compreendessem que já eram um povo moderno, e que não havia necessidade de buscar isso aos moldes dos ocidentais. Pois segundo ele, a modernidade se constitui pela autonomia do pensamento e ação, e não pela submissão as escolas europeias. Ademais todos os ensinamentos sobre poder, dominação, e conquista ministrados pelos europeus eram caracteriza-se como algo extremamente passageiro, que só perdura pelo tempo exato em que se consegue manter o povo dominado sob a égide da violência. Assim, o que é meramente moderno, como a ciência das organizações, pode mudar, mas o que é essencialmente humano não se altera, pois suas raízes são mais profundas dos que os olhos humanos podem captar.

O autor reconhecia que a Política Internacional desenvolvida nos séculos XIX e início do século XIX foram determinantes para perda de humanidade no modo de fazer política. Visto que as grandes potências colonizadoras dizimaram milhares de indivíduos em nome do bem-estar estatal, abrindo assim um enorme precedente para justificar comportamento bárbaros em nome da Nação, além disso fomentaram cada vez mais sentimentos nacionalistas em seus territórios nacionais. Aqui vale um breve elucidação sobre o fenômeno do nacionalismo e alguns elementos que o constituem e o fortalecem. Não há uma conformidade no meio acadêmico a respeito das suas origens e das motivações (LAIS,2015)<sup>71</sup>; entretanto há uma

---

<sup>70</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.p.69.

<sup>71</sup> REIS, Laís Campos. **A hegemonia do “outro”, ocidente e imperialismo: A Mudança de identidade japonesa na Era Meiji (1868-1912)**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) – UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/handle/235/8594>>; Acesso em: 05 de jul. 2019



compreensão coletiva de que as questões identitárias, tanto individual quanto da coletividade são fundamentais nesse processo (BELL, 2007)<sup>72</sup>. Bell destaca, ainda, que o epifenômeno do nacionalismo, para desempenho e propagação, necessita de se apoderar de narrações sejam elas históricas ou mitológicas para engrandecer a relevância da nação e aproximar-se de forma emotiva aos indivíduos, criando um sentido de comunidade: é nessa parte que reside a crítica de Tagore, uma falsa impressão de unidade é criada com o nacionalismo, levando o indivíduo a abandonar valores pessoais em prol de aparente bens comuns.

É importante saber que Tagore foi um ardente defensor do nacionalismo durante a primeira década do século XX, quando confiava na ideologia nacionalista como meio de continuidade cultural. Mas a decepção veio no momento em que presenciou a face perigosa do nacionalismo exibida durante a guerra de agressão do Japão contra a China, na marcha da Europa em direção ao conflito global de 1914-1918, e em explosões de terrorismo nacionalista. Essa decepção e sua conseqüente mudança para o antinacionalismo irritaram muitos do que faziam parte da principal corrente do movimento nacional na Índia. Isso se refletiu no editorial de um importante jornal bengali, *Ananda Bazar Patrika*, em 5 de junho de 1923, trecho a seguir: (GUPTA, 2005)<sup>73</sup>.

Those who are familiar with the swadeshi [freedom struggle] era know how much the new nationalism or patriotism of Bengal or of India owes to Rabindranath Tagore. Today, after only a few years, the same Rabindranath is putting all his force against nationalism! Perhaps the terrible destructiveness of the last World War of Europe and the ugly face of nations mutually at loggerheads, have hurt the poet's soul. But, however much the poet's soft and idealistic soul may be hurt ... there is no denying that nationalism is a necessity for the oppressed countries like India ... In the present world the effort to bind the strong and the weak by the bond of love may be nice to imagine, but it is hopeless as a practical proposition. (GUPTA, 2005)

Entretanto, tais condutas não conseguiram desanimar Tagore de sua nova convicção antinacionalista, pois identificou que o nacionalismo era outro nome usado para designar apropriação por meio da violência, se necessário, da riqueza e das matérias-primas de outros países, e que o nacionalismo culminaria no isolacionismo, violando os mais altos ideais da humanidade (GUPTA, 2005).<sup>74</sup>

---

<sup>72</sup> BELL, Duncan S. A. **Mythscapes: memory, mythology and national identity**. In: *British Journal of Sociology*, n.1, v. 54, 2003, p. 63-8

<sup>73</sup> GUPTA, Kalyan. **The Philosophy of Rabindranath Tagore**. England. Ashgate Publishing Limited, 2005. p.50.

<sup>74</sup> GUPTA, Kalyan. **The Philosophy of Rabindranath Tagore**. England. Ashgate Publishing Limited, 2005. p.51.

Destarte, após esse desapontamento Tagore passa a identificar a Nação, e consequentemente o nacionalismo como a máxima da manifestação egoísta, sobretudo pelo fato de que todas as suas precauções e preocupações são voltadas a fim de impedir qualquer nascimento de um novo companheiro no mundo, ou seja, uma nova Nação, e para esse fim guia a mente do seu povo para acreditarem que o surgimento de um Estado é algo perigoso para sua própria existência, logo torna-se algo que deve ser evitado e combatido. Seu único e profundo desejo é promover a fraqueza do resto do mundo; desse modo, o autor compara algumas nações a insetos que são formados e fortalecidos na carne paralisada da vítima, as quais são mantidas com vida apenas para torná-las desejáveis e nutritivas. Mediante essa metáfora, o literato nos mostra como as “nações-predadoras” estão sempre dispostas a atacar outros povos com o propósito de explorar suas riquezas materiais e culturais (TAGORE, 2018).

A suma da crítica ao conceito de nacionalismo consiste na indiferença e insensibilidade frente a dor do outro. O Estado-nação prosperou por muito tempo sobre uma humanidade mutilada; os homens, definidos por Tagore como a mais bela criação de Deus, foram moldados pelas manufaturas nacionais para serem fantoches que fazem guerra e produzem dinheiro, e ridiculamente vaidosos com relação a perfeição dos mecanismos sociais. Desse modo, a sociedade humana tornou-se uma autêntica marionete de políticos, soldados, empresários e burocratas guiada por arranjos de uma aparente eficiência voltada para o bem (TAGORE, 1918).

Portanto, ante a crítica ao Estado e o nacionalismo, qual a alternativa proposta por Tagore? A princípio, a alternativa tagoriana é uma proposta de agenda normativa que nos remete a uma ética pautada compaixão. Aspirando recomendar um novo percurso àqueles que se afiliaram ao protesta modernizadora europeia, tanto para os seus ouvintes japoneses como para próprios europeus Tagore propõe que buscassem lembrar ou conhecer melhor a dimensão espiritual da vida: nessa busca a categoria espiritual apontará ao homem a noção da existência de valores essenciais e imutáveis (SPODE, 2018)<sup>75</sup>.

A partir dessa visiva elementar, Tagore indica encontrar esses valores em duas éticas normativas: na Europa, encontra-se nas expressões de amor puro e ideal de justiça cultivados

---

<sup>75</sup> SPODE, Raphael. **A dimensão moral e religiosa da política internacional: pensamento e contribuição de Rui Barbosa**. 2018. Tese de Doutorado – UnB, Brasília, 2018.p.52.

pelas narrativas cristãs (TAGORE, 2013)<sup>76</sup>; no oriente, Tagore acha-se a expressão nos valores essenciais e permanentes no ideal do "maitri"<sup>77</sup>, ou melhor, num dos dez paramis da Escola Theravada do Budismo<sup>78</sup> e o primeiro dos quatro estados sublimes propostos por Buda<sup>79</sup>.

Brown e Leary (2017) a partir de um diálogo com Dalai Lama esclarecem que desenvolver o maitri reside em lembrar, no decorrer da meditação, o amor de uma pessoa que nos amou intensamente. O exemplo mais ilustrativo sobre o que é provar o maitri é recordar-se das sensações vividas no terno contato maternal<sup>80</sup> durante a infância. Fomentar lembranças de afeto ativa o sentimento de compaixão que poder ser estendido em nossa projeção mental, e em seguida testado de fato no convívio com pessoas próximas a nós e até mesmo com aqueles considerados inimigos, ou seja, a proposta ética normativa de Rabindranath Tagore às relações internacionais, é o amor.

O conceito de "maitri" apontado por Tagore como uma proposta ética para as relações entre os Estados é totalmente inovador e distinto de tudo aquilo que já havia sido pensado, diferente de todos os teóricos do *mainstream* das relações internacionais, pois o poeta não busca a solução para os conflitos entre as Nações em fatores externos ao homem, mas tem o homem como o principal agente de mudança a fim de assegurar a paz. Para Tagore, somente o homem em conexão com o divino e com seus próprios sentimentos de amor e compaixão seria capaz de alterar o curso da política internacional. A essência da ética da compaixão, o "maitri" é muito mais do que um mero sentimento, consiste na decisão de buscar no amor mais genuíno a oportunidade de fazer o bem.<sup>81</sup>

---

<sup>76</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nacionalismo**. Trad. Federico Corriente Basús e Sonia Chaparro. Buenos Aires: Taurus, 2013.pag.20.

<sup>77</sup> Maitri é um termo em sânscrito que encontra seu equivalente no português como bondade, amor, benevolência, amizade. A primeira referência do amor verdadeiro é maitri, a intenção e a capacidade de proporcionar alegria e felicidade. Segundo alguns estudiosos, a palavra "maitri" vem de "mitra" que significa amigo (no budismo o principal significado de amor é amizade). Maitri é um dos estados sublimes de consciência.

<sup>78</sup> Theravada (Pali: *thera* "anciãos" + *vada* "palavra, doutrina"), a "Doutrina dos Anciãos", é o nome da escola de Budismo que tem suas escrituras no Cânone em Pali ou Tipitaka, que os acadêmicos em geral aceitam como sendo o registro mais antigo dos ensinamentos do Buda

<sup>79</sup> Buda aconselhou de maneira veemente que todos cultivem quatro moradas divinas ou estados sublimes da mente: amor bondade (*metta*), compaixão (*karuna*), alegria altruísta (*mudita*) e equanimidade (*upekha*).

<sup>80</sup> Dalai Lama, em uma palestra realizada na Universidade de Mumbai no ano de 2018, defendeu que as mulheres têm um papel especial na promoção do amor e da bondade, já que geralmente são mais sensíveis a dor dos demais.

<sup>81</sup> A valer, de modo espontâneo e autêntico, o autor maneja noções e conceitos atípicos ao fazer referência à política internacional, algumas delas discutidas nesse trabalho, derivam da apreciação das conferências realizadas por Tagore no Japão e, mais nomeadamente, na leitura da obra "Nationalism".

Por meio da leitura e análise das obras de Rabindranath Tagore, nota-se que em certa medida ele notou a ética da compaixão arraigada no modo de vida dos japoneses. Segundo sua narrativa, o povo japonês conseguiu estabelecer um vínculo de amor espiritual com cada parte de seu país e a percepção de reverência ao divino é algo inerente e natural. Desse modo, os japoneses entendem que as obrigações para com o Estado se assemelham aos deveres filiais, a base da cultura é o maitri, é o amor. E por essa razão que Tagore temia tanto o rompimento da cultura japonesa, pois entendia que o Japão possuía tanto a ensinar ao restante do mundo sobre coragem e altruísmo. Nas palavras proferidas pelo autor durante a Conferência de 11 de junho de 1916:

Mas o Japão percebeu o traço de uma presença que evoca em sua mente um sentimento de reverência. Portanto, não presume um domínio sobre a natureza, mas sim a oferece ofertas amorosas com infinita ternura e alegria. A relação do país com o mundo deriva do que há de mais profundo no coração. O Japão estabeleceu um vínculo de amor com as colinas de seu país, com o mar, os riachos, os bosques e as mais variadas vegetações...Nessa civilização baseada nas relações humanas, a experiência que para a alma envolve encontrar-se no coração do mundo foi incorporada. Vocês entendem que as obrigações com o Estado assemelham-se aos deveres filiais. Assim, sua nação converteu-se em uma grande família cuja cabeça é o imperador. Sua unidade nacional não possui origens na camaradagem de irmãos de armas que estão unidos para fins ofensivos ... nem na participação em expedições de pilhagem cujos membros compartilham os perigos e o saque... A base de sua cultura é o ideal do maitri (amor), maitri para os homens e a para natureza, que te sua expressão máxima na linguagem da beleza, tão universal nessas terras<sup>82</sup>... (TAGORE, 2013)<sup>83</sup>

A fim de minuciar sua proposta ética normativa, Tagore exorta seus ouvintes e leitores a combaterem o nacionalismo europeu, mas nunca desprezarem a Europa, pois como apresentado o “maitri” deve-se estender a todos, até mesmo aqueles que um dia intentaram contra nós. Além do mais, de acordo com o autor, as nações asiáticas deveriam prestar a melhor homenagem de admiração a Europa, que a respeito de arte e literatura fornece uma fonte inesgotável de beleza e verdade, contribuindo com a formação intelectual de todos os países do globo em todos os períodos. Além disso, mesmo em meio a todo cientificismo e ceticismo europeu, Tagore indica a força espiritual que os europeus possuem, pois apenas o espírito do homem seria capaz de desafiar todas as limitações que a Europa enfrentava, e ter fé em seu sucesso final, lançar luz em busca além do imediato e, aparente, alegremente sofrer

---

<sup>82</sup> Tradução nossa.

<sup>83</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nacionalismo**. Trad. Federico Corriente Basús e Sonia Chaparro. Buenos Aires: Taurus, 2013.pag.26

o martírio por fins que não podem ser alcançados em sua existência e aceitar o fracasso sem reconhecer a derrota. No coração da Europa passa a mais pura corrente do amor humano, do amor à justiça, do espírito de auto-sacrifício pelos ideais superiores. Nesse continente, vimos mentes nobres que já defenderam os direitos do homem, independentemente de cor e credo.

Com base nessa explanação, pode-se depreender Rabindranath Tagore formulou uma proposta ética que compreendesse todos os povos, de todas as Nações. Para ele não era de grande relevância se o Estado havia sido colonizado ou colonizador, se já havia participado de conflitos armados ou não, o teórico permanecia acreditando que para todos havia a possibilidade de transformação, que através do “maitri” o homem se reconectaria consigo mesmo e com o próximo e assim mudaria a história de toda humanidade; pois o que realmente protege o homem não são suas armas ou escudos, e sim os ideais espirituais que o conectam com a vida e crescem juntamente com ele (TAGORE, 1918).

Além disto, como já apresentando anteriormente Tagore (1918) defendia a existência de uma lei moral que rege o mundo, ou seja, nenhuma nação conseguiria se beneficiar ou prosperar de forma isolada, porquanto se uma nação ataca as demais acaba por golpear a si mesma, pois os homens encontra-se integralmente unidos entre si, devido a nossa própria condição de seres terrenos e mortais: a lei moral é o maior descobrimento do homem e torna-se dever de cada um propagar essa máxima. Os homens são tão mais homens quanto mais se dão com os demais. Se trata de uma verdade que não tem valor apenas subjetivo, pois está presente em todas as faces de nossa existência. Nas palavras do poeta:

Never think for a moment that the hurts you inflict upon other races will not infect you, or that the enmities you sow around your homes will be a wall of protection to you for all time to come. (TAGORE, 1918)<sup>84</sup>

Após a leitura e análise da obra de Rabindranath Tagore e de suas poesias, fica claro o entendimento de que o “maitri” deve ser considerado pelos homens como uma prática básica para assegurar relações pacíficas entre todos os povos, pois somente quando os indivíduos se reconhecerem como iguais, e começarem a nutrir afetos pelos demais é que as nações conseguirão alcançar a paz em toda sua plenitude. É possível compreender que o homem se apresenta como o cerne da nação, e o agente fomentador do nacionalismo. Dada essa

---

<sup>84</sup> TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.p.80.

compreensão, entende-se que qualquer proposta de transformação no cenário internacional deve ter como seu ponto inicial o despertar e a elevação dos sentimentos humanos.

Não há Estado, governo ou política sem o próprio homem, ou seja, o indivíduo se apresenta como agente criador de todos os arranjos institucionais existentes que engloba desde a Nação até a forma mais primária de relação humana, a família. Logo, ao pensarmos em caminhos que nos conduza para o bom funcionamento dessas instituições não podemos ignorar a essência dos sentimentos e a subjetividade presentes no ser humano (TAGORE, 1918). Ou seja, a caminhada em busca da paz entre as nações inicia-se pela transformação de cada indivíduo, desde o cidadão mais simples que habita no país mais isolado ao presidente do Estado mais poderoso.

A verdade é que hoje com o advento da globalização, e a interdependência entre os povos cada vez mais evidente é possível vislumbrar um conceito de “Nós” no cenário internacional. No passado recente, sobretudo no período das colonizações, e das grandes guerras mundiais o sentimento predominante era o de que havia “Nós” de um lado e um “Outro” completamente distante e totalmente desconhecido. Entretanto, no mundo moderno, devido a economia global, o aumento populacional, as questões ambientais o interesse de um país encontra-se intimamente ligado ao interesse de todos os outros <sup>85</sup>, assim a máxima de Tagore de que um país não pode ferir ao outro sem ferir a si mesma, tornou-se amplamente compreensível na atualidade (TAGORE, 1918). Essa noção de que os seres humanos, independente da nacionalidade, formam uma unidade é o ambiente ideal para o cultivo da compaixão, especialmente pelos governantes que devem direcionar cuidados e responsabilidade aos outros povos da mesma forma que fazem aos seus.

Já no século XX, o inter-relacionamento mundial era tão real que Robert Keohane e Joseph Nye publicaram dois trabalhos importantes sobre o tema, o primeiro consistia em uma compilação de artigos denominada *Transnational Relations and World Politics* (1971), e o segundo, na forma de livro *Power and Interdependence: World Politics in Transition* (1977), nos quais argumentam a asserção de que os processos transnacionais estavam transformando o caráter do sistema internacional. As realidades nacionais já encontravam-se cada vez mais

---

<sup>85</sup> Análise feita a partir da transcrição de uma palestra proferida por Dalai Lama, no ano de 2015 na cidade do Rio de Janeiro (Brasil).

interligadas pelo avanço nas comunicações, pelo aprofundamento das transações financeiras, pelo crescimento no volume do comércio, pela atuação de empresas multinacionais em diferentes mercados simultaneamente, ou pela influência recíproca de movimentos culturais e ideologias, isto significava que, cada vez mais, os acontecimentos que ocorriam em um país tinham efeitos concretos sobre os demais (NOGUEIRA; MESSARI, 2005)<sup>86</sup>. Se já na década de 70 essa realidade era tão latente, nos dias atuais se intensifica cada vez mais, a guerra, e os conflitos já não são uma opção a ser considerada. A proposta normativa de Rabindranath Tagora para política internacional nunca fez tanto sentido como no tempo presente, no qual só conseguiremos nosso próprio bem se buscarmos o bem para os outros, independente das diferenças de nacionalidade, crença religiosa, classe social ou dessemelhança de qualquer espécie (TAGORE, 2013). Muitas das problemáticas do início desse século advêm de falhas cometidas ainda no século passado, por consequência, é necessário considerar, refletir sobre os meios de conduzir a política internacional de modo diferente, destarte o diálogo sempre deve se apresentar como a primeira opção para soluções de possíveis conflitos.

Dalai Lama, em uma palestra proferida no Brasil em setembro de 2011<sup>87</sup>, orientou os seus ouvintes a importância do diálogo para construção de um século de paz e harmonia entre as nações. Na fala do líder budista, é notório a presença dos mesmos princípios e valores defendidos por Rabindranath Tagore, ou seja, valores e princípios atemporais. Dalai Lama propõe o desenvolvimento de valores internos a partir da perspectiva do secularismo<sup>88</sup>, pois segundo ele os indivíduos já inseridos em alguma religião buscam cultivar valores como amor e compaixão ao próximo. Entretanto, se grande parte da população mundial não professa nenhum tipo de fé, é necessário mesmo assim que essas pessoas que não possuem interesse explícito por religião possam desenvolvê-los em si. Dentro desse contexto, é preciso então existir uma via em que os valores internos possam ser também cultivados sem necessariamente passar por uma religião, seja ela teísta ou não teísta.

---

<sup>86</sup> NOGUEIRA, João Pontes & Messari, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.p.81-84.

<sup>87</sup> Palestra disponível em: [www.monjacoen.com.br](http://www.monjacoen.com.br)

<sup>88</sup> Dalai Lama defende a importância do secularismo pois permite a integração dos valores internos e o cultivo desses valores em um sistema educacional sem que precisem estar atrelados a uma religião. Já existem grupos de pesquisadores em vários países que estão voltados ao estudo de como introduzir valores morais e éticos na educação com base na perspectiva secularista. A partir dessa perspectiva, três conceitos fundamentam a noção dos valores internos: a experiência comum, bom senso e as descobertas da ciência.

E é nesse interim, que a proposta ética normativa de Tagore às relações internacionais surge como uma caminho a ser considerada na superação das inquietações do mundo contemporâneo; o “maitri” é algo a ser cultivado por todos, se a compaixão fosse considerada por líderes mundiais nos momentos em que tomam certas decisões certamente algumas mazelas do tempo presente seriam evitadas. A questão mais emblemática é a dos refugiados, na qual lida-se diretamente com vida de pessoas como se fossem entes inanimados advindos de um lugar qualquer, sem vida, sem personalidade, sem história, valores são ignorados e princípios inexistentes. Em todo curso da história quando não se considera o homem em toda sua humanidade, o resultado é a tragédia. Assim como Dalai Lama, Tagore entendia há um conjunto de valores que não são negociáveis, isto é, são essenciais e permanentes porque, em qualquer tempo e lugar na qual exista humanidade, facultam a felicidade e a harmonia (Spode, 2018)<sup>89</sup>.

---

<sup>89</sup> SPODE, Raphael. **A dimensão moral e religiosa da política internacional: pensamento e contribuição de Rui Barbosa**. 2018. Tese de Doutorado – UnB, Brasília, 2018.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo intuito de explorar dimensões conceituais desconhecidas sobre a política internacional, o projeto de pesquisa se insere dentro de um movimento epistemológico e metodológico mais amplo, de tendência mundial na disciplina de Relações Internacionais. Nos últimos anos, tem sido prezado explorar pensamentos e doutrinas negligenciadas pela história das ideias ou até mesmo ocultadas pelas teorias vigentes do "mainstream". Tal movimento pressupõe duas hipóteses: primeiro, acredita que a recuperação de tradições desconhecidas pode arejar o ensinar, ou seja, a prática conceitual e pedagógica em sala de aula.

A hipótese sustenta a ideia de que sem a investigação das tradições silenciadas no tempo e nas lutas de poder, isto é, sem uma arqueologia do saber impossível renovar as fontes conceituais da disciplina e, por consequência, superar as práticas miméticas do ensino das Relações Internacionais, em boa parte, cópias fiéis das práticas anglo-americanas (SHAHI, 2016; BERTRAND; LEE, 2012; ACHARYA, 2011; ACHARYA; BUZAN, 2010). Ao mesmo tempo, entende-se que a busca por teorias alternativas pode ajudar a explicar o comportamento dos países do terceiro mundo um conjunto de potências e nações que pouco tem a ver com as expressões teóricas ou até mesmo com as categorias produzidas no eixo eurocêntrico (PUCHALA, 1998, p. 133-157).

Em segundo lugar, o movimento acima descrito entende como tendência da investigação científica, especialmente em Relações Internacionais, o dever de resgatar valores éticos, morais e religiosos capazes de ajudar as pessoas a superar uma fase de crise ou "stasis", semelhante a que se opera atualmente no Brasil e em outros lugares do mundo. Ante a crise da ética na política, a fragilização da democracia e os sistemas representativos e o recrudescimento da sensação de infelicidade e desilusão, podem os filósofos morais, as revelações, as escrituras e as tradições culturais ajudarem as pessoas a recuperar a sensação de equilíbrio, bem-estar e o senso de direcionamento? Nesse aspecto, Rabindranath Tagore tem muito a dizer às novas gerações, mais particularmente aos estudantes de Relações Internacionais.

Seus textos são uma expressão de dor e esperança, que sob o entardecer do século XIX, apontam um caminho para a paz e a revitalização das relações humanas arruinadas pela desconfiança e o egoísmo manifesto numa forma de ação política: o nacionalismo. A proposta

de Tagore é a retomada de uma ética da compaixão. Do ponto de vista epistemológico, a ética da compaixão é um tema ignorado nas Relações Internacionais, sobretudo no Brasil, apesar de ser pesquisado por autores da área mundo afora.

Um dos maiores paradoxos das relações internacionais contemporâneas é o fato de que o avanço tecnológico e a extrema facilidade de transmissão e comunicação dos problemas e necessidades mundiais não têm diminuído o distanciamento afetivo, econômica e social entre as pessoas. Esse paradoxo é uma evidência de que o aumento da inteligência e o progresso da tecnologia e das condições materiais do mundo não equacionam problemas de ordem moral nem mesmo garantem ações de política externa positiva. Ao colocar o tema da compaixão e da alteridade como uma das formas pouco exploradas de superação dos dilemas políticos, econômicos, sociais e morais da humanidade, especialmente num momento de recrudescimento do nacionalismo hoje, a presente pesquisa apresenta ter um objeto de análise muito claro.

Ao mesmo tempo, revela ter um propósito social, vinculado a algumas diretrizes e objetivos básicos das Relações Internacionais enquanto disciplina e da República brasileira, que são a defesa da paz, a promoção da tolerância e a aproximação entre os povos para o progresso da humanidade. A partir dos fundamentos epistemológicos e metodológicos apresentados até aqui, é preciso ressaltar a vinculação dessa pesquisa às abordagens pós-positivistas das Relações Internacionais, especificamente às teorias pós-colonialistas. Ao resgatar o pensamento de um autor de um país do terceiro mundo, uma ex-colônia do Império Britânico a presente pesquisa associou-se as propostas metodológicas e epistemológicas defendidas por autores pós-coloniais. A teoria tradicional de Relações Internacionais pode considerar o pensamento de Rabindranath Tagore como insignificante ou irrelevante, até mesmo porque seu pensamento contém uma severa crítica às ontologias presentes nas teorias do "mainstream", como o Estado, o poder, o interesse nacional (ver, MORGENTHAU, 2003, cap. 1).

Porém, para as novas teorias de Relações Internacionais, como a teoria crítica e o pós-colonialismo, o pensamento de Tagore é bem-vindo. Especialmente porque essas novas abordagens aceitam as críticas às categorias e saberes tradicionais vindos de pessoas, de realidades culturais diversas, de movimentos sociais e indivíduos localizados em planos muito

reduzidos da realidade internacional. Não se trata de uma escolha entre conhecimento tradicional ou conhecimento moderno; mas sim entre diferentes tradições de conhecimento (BEHERA In: ACHARYA; BUZAN, 2010, p. 105-106). Assumindo a orientação epistemológica e metodológica das novas teorias das Relações Internacionais, essa pesquisa operou no nível dos indivíduos, ao estilo da primeira imagem proposta por Kenneth Waltz (1959).

Em síntese, o desenvolvimento do projeto possibilitou a compreensão de como as pessoas podem se identificar umas com as outras independentes da sua origem social, étnica, cultural, política, econômica. A hipótese exposta nessa pesquisa é que para refletir esse problema Rabindranath Tagore sugere um caminho. Para o autor, seria preciso buscar expressões do essencial e permanente, seja no ocidente e no oriente para, a partir da síntese, se apropriar daqueles valores que aproximam as pessoas e as faz se sentir partes de um mesmo todo, de uma família universal. É uma proposta muito semelhante, aliás, àquela que Immanuel Wallerstein propõe na sua obra "O universalismo europeu: a retórica dos poderosos" (2007). Para o autor, a problemática da aproximação e identificação entre as pessoas, a despeito de suas diferenças, depende da descoberta de um universalismo genuinamente universal, ou melhor, uma síntese de sentimentos e valores disseminados nas culturas, nas religiões e tradições, forte suficientes para reunir as pessoas em torno de um sentimento universal de pertencimento (WALLERSTEIN, 2007, caps. 2; 4). A proposta ética normativa de Tagore às relações internacionais surge como um caminho a ser considerado na superação das inquietações do mundo contemporâneo, o "maitri" é algo a ser cultivado por todos.

Após a leitura e análise da obra de Rabindranath Tagore e de suas poesias, fica claro o entendimento de que o "maitri" deve ser considerado pelos homens como uma prática básica para assegurar relações pacíficas entre todos os povos, pois somente quando os indivíduos se reconhecerem como iguais, e começarem a nutrir afetos pelos demais é que as nações conseguirão alcançar a paz em toda sua plenitude. É possível compreender que o homem se apresenta como o cerne da nação, e o agente fomentador do nacionalismo. Dada essa compreensão, entende-se que qualquer proposta de transformação no cenário internacional deve ter como seu ponto inicial o despertar e a elevação dos sentimentos humanos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARYA, Amitav. Theory Talk #42. Amitav Acharya on the Relevance of Regions, ASEAN, and Western IR's false universalisms. **Theory Talk**, August 10, 2011. Disponível em: [<http://www.theory-talks.org/2011/08/theory-talk-42.html>]. Acesso em: 24 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_; BUZAN, Barry. Why is there no non-Western international relations theory? An introduction In: ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. **Non-Western International Relations Theory**. Perspectives on and beyond Asia. New York: Routledge, 2010.

BUZAN, Barry. **Why is there no non-Western international relations theory?** An introduction In: ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. **Non-Western International Relations Theory**. Perspectives on and beyond Asia. New York: Routledge, 2010.

BEHERA, Navnita Chadha. Re-imagining IR in India In: ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. **Non-Western International Relations Theory**. Perspectives on and beyond Asia. New York: Routledge, 2010.

BELL, Duncan S. A. **Mythscape: memory, mythology and national identity**. In: British Journal of Sociology, n.1, v. 54, 2003, p. 63-81.

BERTRAND, Julia Lau; LEE, Ji-Young. Teaching International Relations to a multicultural classroom. **International Journal of Teaching and Learning in Higher Educations**. Vol. 24, Number 1. 2012, 128-133.

BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BROWN, Kirk Warren; LEARY, Mark R. **The Oxford Handbook of Hipo-Egoic Phenomena**. New York: Oxford University Press, 2017.

CARR, Edward Hallett. **Vinte Anos de Crise: 1919-1939**. Brasília: Universidade de Brasília, 2. Ed., 2001.

CHUNG, HENRY. **The Case of Korea: A Collection of Evidence on the Japanese Domination of Korea, and on the Development of the Korean Independence Movement**. London: Routledge, 2011.

GUPTA, Kalyan. **The Philosophy of Rabindranath Tagore**. England. Ashgate Publishing Limited, 2005.

HANE, Mikiso. **Modern Japan: a Historical Survey**. Colorado: Westview Press, 1992. Internacionais) – UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/handle/235/8594>> Acesso em: 05 de jul. 2019.

JANSEN, Marius B. **The Making of Modern Japan**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

KANG, David C. **East Asia Before the West: Five Centuries of Trade and Tribute**. Nova York: Columbia University Press, 2012.

LEAVITT, John. **Ed. Poetry and Prophecy: The Anthropology of Inspiration**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

LIMA, Diogo S. **O Expansionismo Territorial Nipônico**. 15p. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/geap/artigos/diogo-japao.PDF>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Trad. Oswaldo Biato. Brasília e São Paulo: Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MAGNO, Bruno. **Segunda Guerra Sino Japonesa: gênese de um modo asiático de fazer a guerra?** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) – UFRGS, Brasília, 2015. Disponível em: . Acesso em: 05 de maio. 2019.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Trad. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1983.  
NOGUEIRA, João Pontes & Messari, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

Nora Chadwick K. **Poetry and Prophecy**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1952.  
PINTO, Vivek. **Rabindranath Tagore and Japan: a poet's prophecy**. The Journal of Sophia Asian Studies 29, 2011, 109-135. p.115.

PUCHALA, Donald J. Third world thinking and contemporary international relations In: NEUMAN, Stephanie G. **International Relations theory and the third world**. New York: St. Martin's Press, 1998.

REIS, Laís Campos. **A hegemonia do "outro", ocidente e imperialismo: A Mudança de identidade japonesa na Era Meiji (1868-1912)**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais).

RIOJA, Ana. **Einstein: el ideal de una ciencia sin sujeto**. Revista de Filosofia. NP 2/87-108 (3Y época). Editorial Universidad Complutense. Madrid. 1989.p. 96.

SHAHI, Deepshikha. Teaching International Relations in India: from pedagogy to andragogy. **E-international relations**. Disponível em: [<http://www.e-ir.info/2016/10/29/teaching-international-relations-in-india-from-pedagogy-to-andragogy/>]. Acesso em: 08 de março de 2017.

SARFATI, Gilberto. **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SPODE, Raphael. **A dimensão moral e religiosa da política internacional: pensamento e contribuição de Rui Barbosa**. 2018. Tese de Doutorado – UnB, Brasília, 2018.

Stephen N. Hay. **Asian Ideas of East And West: Tagore and His Critics in Japan, China, and India**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970.

SZPILMAN, Christopher W. A. **“The Politics of Cultural Conservatism: The National Foundation Society in the Struggle Against Foreign Ideas in Prewar Japan, 1918- 1936.”** Ph.D. diss., Yale University, 1993.

TAGORE, Rabindranath. **Nacionalismo**. Trad. Federico Corriente Basús e Sonia Chaparro. Buenos Aires: Taurus, 2013.

TAGORE, Rabindranath. **Nationalism**. London: Macmillan and Co., Limited, 1918.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. New York: Random House, 1979.

\_\_\_\_\_. **Man, the State and War**: a theoretical analysis. New York: Columbia University Press, 1959

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu**: a retórica do poder. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

WENDT, Alexander. **Teoria Social da Política Internacional**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2014.

WOLFF, Marcus. **O Tagore de Cecília Meireles e outros Tagores**. Contexto. Vitória, n. 31, 483-504, 2017/1.